

Varujan Vosganian: Livro dos Sussurros¹

Capítulos sete e oito

Tradução: Anna Marie Caragea e Dan Caragea

Revisão: Tizziana Giorgini Crudeli

SETE

– Não toquem nas mulheres deles, disse Armen Garo. Nem nas crianças.

Tinham-se juntado, um a um, na sede do jornal *Djagadamard* de Constantinopla, todos os membros da Missão Especial. Foram selecionados com muito cuidado. Depois, de todo o grupo, foram retidos apenas os que já tinham participado, seja por conta própria, seja em emboscadas, neste tipo de ações. «Só confio nos que já mataram», decidiu Armen Garo. Receberam as fotos daqueles que deviam encontrar nos seus esconderijos. Esconderijos que podiam estar em qualquer parte, de Berlim e Roma até às estepes da Ásia Central. Talat Paxá, ministro do Interior, de ombros largos e o pescoço grosso, tinha um corpo robusto, cuja cabeça, com queixo quadrado e maxilares prestes a rasgar, parecia antes o prolongamento do peito forte. E, na parte de baixo da foto, os punhos, duas vezes maiores que os de uma pessoa normal, deixavam transparecer a sua agressividade. Ao lado dele, frágil e de traços delicados, a sua mulher, num vestido branco e com chapéu de renda, segundo a moda europeia, tão distinta do fez do paxá. Depois, Enver, baixinho, apenas mais alto por causa dos saltos das botas. De olhar altivo e dedos fininhos, agarrando as pontas do bigode, orgulhoso dos seus alamares de comandante do exército, que, caindo profusamente dos ombros, lhe tapavam o peito estreito, tentando assim escamotear a sua modesta origem de filho de uma mãe que, para poder cria-lo, tinha-se dedicado a um dos ofícios de menor prestígio do Império: lavar os mortos. Numa das fotos, o seu braço fininho, possessivo, mas ainda assim

¹ Tradução: Anne Marie Caragea e Dan Caragea. Revisão: Tizziana Giorgini Crudeli

tímido, abraçava a cintura delicada da sua mulher, Nadjeh, princesa do harém imperial, filha do sultão, portanto. E noutra fotografia, Enver, filho da lavadeira de mortos e genro do sultão, esforçava-se a parecer altivo, com as feições congeladas, entre os retratos dos seus ídolos, Napoleão e Frederico o Grande. Djemal Paxá era uma espécie de Lépido neste triunvirato guerreiro. Com o seu aspeto comum, se não usasse os galões de ministro da Marinha, poderia passar completamente despercebido, ainda que tudo fazia para acompanhar a brutalidade de Talat e a altivez de Enver. Depois, o dr. Nazim e Behaeddin Shakir, ideólogos do do Comité para a União e o Progresso, que tiveram a ideia de libertar os criminosos que, alistados em unidades armadas, haveriam de vigiar as caravanas de deportados arménios e de massacrá-las nas encruzilhadas. Não sabemos quão bonitas seriam as suas mulheres; eram cheinhas, de cabelo preto, mas as feições não se distinguem bem, porque as únicas fotografias conservadas de quando eram jovens mostram-nas de rostos cobertos por véus, chorando à cabeceira dos caixões dos maridos, depois de o grupo justiceiro ter cumprido a sua missão. E os outros, Djemal Azmi, o prefeito de Trebizonda, Bahbud Khan Djivanshir... Armen Garo levantou as fotos de Talat e Enver, junto com as mulheres deles. Olhou para cada um deles: Solomon Tehlirian, Aram Yerkanian, Arshavir Siraghian, Hraci Papazian, Misak Torlakian.

– Não matem as mulheres deles, repetiu. Nem os filhos.

Não tem importância para nós a data em que se realizou este encontro. O *Livro dos Sussurros* não é um livro de história, mas de estados de consciência. Por isso, torna-se translúcido, e as suas páginas são transparentes. É verdade que no *Livro dos Sussurros* há muitas datas exatas mencionando até o dia, a hora e o local. A pena anda depressa demais, mas, às vezes, resolve abrandar enquanto espera por mim e pelo leitor, e então pormenoriza mais, até mais do que seria necessário. Cada palavra a mais esclarece, mas, precisamente por isso, diminui o sentido.

Assim, ainda que apagássemos dele qualquer relação dos anos ou conta dos dias, o *Livro dos Sussurros* manteria todo o seu sentido. Coisas deste género aconteceram desde sempre a pessoas do mundo inteiro. Na realidade, o *Livro dos Sussurros*, na sua essência, permanece igual em qualquer época, como um coral de Johann Sebastian Bach, como uma

portinhola estreita através da qual as pessoas passam, abaixando-se ou apertando-se entre si.

– Antes de mais nada, mataram-nos o poeta, disse Shavarsh Misakian.

A sede do jornal tinha escapado como por milagre do desastre. Aliás, para todos os arménios da capital, depois do massacre iniciado a 24 de abril de 1915, quando centenas de intelectuais foram detidos, e a grande maioria deles assassinada, a revogação da ordem de deportação foi considerada um milagre. Iriam partilhar o destino das outras comunidades arménias, sendo expulsos das próprias casas e despojados de tudo que tinham, ainda que com um destino mais cruel, porque, ao contrário dos arménios de Van, Sivas ou Adana, deveriam atravessar em caravanas todo o planalto de Anatólia em direção aos desertos da Síria onde, se não fossem assassinados pelas tropas de criminosos armados ou pelos bandos nómadas, haviam de morrer à fome e de frio na imensidão das tendas improvisadas, no deserto onde o calor tórrido de dia e o gelo da noite repartiam, em partes iguais, as vítimas.

Proibido em abril de 1915, o órgão central de imprensa da Federação Revolucionária Arménia, chamado à época *Azadamard*, reapareceu em 1918 sob um novo nome, que não deixava de evocar o primeiro, *Djagadamard*. Shavarsh Misakian era então redator-chefe e tinha voltado para retomar o cargo. Estava num cantinho, não fazia parte da Missão Especial, mas tinha uma autoridade que servia a Armen Garo e Shahan Natali. Uma autoridade que não lhe era conferida pela sua altura, mas antes, com o seu ombro inclinado e a cabeça torta, pela falta de arrogância. A sua doença impunha perante os outros, porque lembrava a teimosia com a qual tinha resistido às torturas da prisão militar onde tinha sido encarcerado, em março de 1916, e de onde, uns meses mais tarde, conseguindo escapar das mãos dos carcereiros, atirou-se de um terceiro andar para o pátio interior. Sobreviveu aos graves ferimentos e foi libertado em 27 de novembro de 1918, quando as tropas aliadas ocuparam a capital, mas o seu corpo, com os ossos esmagados, tinha assumido as iniquidades do mundo, lembrando a todos que se tinha curado do pavor da morte.

Os seus inimigos sabiam que, para poder exterminá-los como povo, era preciso matar-lhes, imediatamente, o Poeta. Para um povo oprimido e ameaçado, o Poeta tornou-se o líder. Daniel Varujan tinha sido preso, junto

com os outros intelectuais, em 24 de abril de 1915. Foi atado a uma árvore e apedrejado até à morte, depois deixado a mercê dos animais e dos espíritos da noite. Algumas lendas dizem que está vivo e, durante o incêndio de Esmirna, há quem contasse que viu, por instantes, o rosto dele nos espelhos em chamas. Mas o único facto que podemos comprovar destas lendas sobre a ressurreição de Daniel Varujan é que, embora se saiba o sítio onde enfrentou as paixões, atado ao tronco da árvore, uma cruz viva portanto, não se conhece ao certo o lugar onde poderia estar sepultado. Tendo a prova da sua morte e até o nome do seu carrasco, Oguz Bey, o comandante de Ceanguiri, mas não tendo notícias sobre a sua sepultura, podemos cair na tentação da ideia da ressurreição.

Outros dos detidos de 24 de abril, como, por exemplo, os dois membros do Parlamento, o deputado de Constantinopla, Krikor Zohrab, e o de Erzerum, Vartkes Seringulian, chegaram até aos desertos sírios, a Urfa, depois a Alepo. Sobre eles nos fala Roessler, o cônsul alemão de Alepo, numa carta dirigida ao embaixador alemão Wangenheim: «Zohrab e Vartkes *efêndi* encontram-se em Alepo e fazem parte de uma caravana de deportados com destino a Diarbekir. Para eles, isso significa morte certa: Zohrab é cardíaco, e a mulher de Vartkes acabou de dar à luz». Sobre os crimes cometidos durante a infância dos meus avós soube pormenores não tanto pelos testemunhos dos sobreviventes, mas sim, principalmente, do vangloriar dos criminosos. Que diferença entre a humildade dos que morrem e o orgulho dos que matam!... Assim, ficamos a saber que foram destripados com baionetas, que estouraram os miolos de Vartkes com arma de fogo, e a cabeça de Zohrab foi esmagada com pedras. Os corpos foram depois desmembrados e abandonados. Se alguém se desse ao trabalho de enterrar os inúmeros mortos daqueles dias, não conseguiria reconhecê-los pelos restos dos corpos destroçados.

Mas o mundo segue em frente. O lugar onde Daniel Varujan foi morto chama-se Tuna. Antes de ser separado dos outros, o Poeta disse: «Cuidem do meu filho que acabou de nascer. Que seja batizado Varujan».

– Vamos vingá-los, a ele e aos outros, disse Armen Garo, olhando fixamente Shavarsh Misakian. Por isso mesmo, não toquem nas mulheres nem nos filhos deles. Nós não somos ladrões de mortos nem assassinos de mulheres.

Estavam sentados no primeiro círculo.

– Armen tem razão, disse Shavarsh Misakian. Sigam o exemplo do general Dro.

Naquela época, Dro ainda não era general. Tinha apenas vinte e um anos, em fevereiro de 1905, quando, em Baku, começaram os massacres que duraram três dias. Uns milhares de armênios foram mortos pelos bandos tártaros. E o príncipe Nakashidze, governador do czar, apesar dos gritos desesperados da população arménia, nada fez para protegê-la, pior ainda, forneceu armas aos atacantes. O Comité Central da Federação Revolucionária Arménia comunicou então ao governador-geral Nakashidze que o partido o condenara à morte. O jovem Drastamat Kanayan, que já encontrámos sob o nome de general Dro, foi encarregue de executar a sentença.

No dia estabelecido, Dro esperou pela comitiva do governador numa rua estreita, no sítio onde a guarda dos cavaleiros cossacos não podia ladear o coche principesco. A bomba tinha sido colocada num saquinho e coberta com cachos de uvas. Mas vendo que o príncipe vinha acompanhado da mulher, Dro hesitou e, por fim, desistiu, contentando-se apenas em vê-los passar. Esperou até ao cair da noite. Na volta, no coche estava apenas o príncipe. Quando o cortejo passou por ele, Dro atirou o bernal para dentro do coche e fugiu. A explosão foi terrível. Junto com Nakashidze foram pulverizados vários cavaleiros da guarda governamental. Aproveitando-se do pânico, Dro conseguiu desaparecer, e alguns camaradas passaram-no, na mesma noite, para o outro lado da fronteira turca, onde permaneceu por nove anos, até ao início da guerra.

– Mas, na época, Dro não poderia imaginar o que havia de acontecer, disse Arshavir Shiraghian.

Ninguém imaginou. Os líderes armênios tinham apoiado os *Jovens Turcos* a chegarem ao poder, considerando que eles poderiam pôr fim às atrocidades do sanguinário sultão, Abdul Hamid. Vartek *efêndi*, o futuro deputado de Erzerum, tinha escondido na sua residência, durante a contrarrevolução, Khalil Bey, o mesmo que, mais tarde, irá ordenar o seu assassinato. E, amarga ironia do destino, se Dro considerava que a mulher não deveria pagar pelos pecados do marido, trinta anos mais tarde, em Omsk,

Estaline mandará matar a mulher de Dro, junto com um dos seus filhos, pagando assim pelos atos do marido.

– Em Trebizonda, disse Misak Torlakian, centenas de mulheres, junto com os filhos delas e com os velhos que não conseguiam andar, foram embarcados em jangadas e levados para o alto-mar. As mulheres ficaram contentes, no meio de toda aquela desgraça, quando lhes disseram que iam fazer parte do caminho pelo mar, sendo assim poupadas de mais esforço. Mas, no dia seguinte, as jangadas voltaram vazias. As mulheres tinham sido afogadas no mar. O mesmo aconteceu em Unieh, Ordu, Trípoli, Kerasonda e Rize. Da minha aldeia, Ghiushana, nenhuma mulher chegou com as caravanas até Meskene, Rakka, Ras-ul-Ain ou Deir Ezzor, o que significa que morreram todas pelo caminho, à fome, de bala ou de faca.

– No vilaiete Kharput, disse Solomon Tehlirian, em junho, foram assassinados os notáveis, depois levaram os homens das cidades e das aldeias. As caravanas de deportados foram constituídas apenas de mulheres, crianças e velhos. Em Arabkir, as mulheres foram embarcadas em jangadas e, logo depois, afogadas. As crianças arménias do orfanato alemão foram afogadas no lago das proximidades. As mulheres de Mesne, a caminho de Urfa, foram mortas pelo caminho, e os seus corpos foram atirados ao rio. No caminho entre Sivas e Kharput, os corpos das mulheres mutiladas e massacradas na margem oriental de Eufrates jazeram meses a fio à beira da estrada ou nas valetas. Eram demasiados para serem enterradas. Ainda se podiam ver seus esqueletos em meados de 1916. De quase duzentas mil almas, quantas tinham as caravanas de deportados, apenas um décimo chegou até Ras-ul-Ain e Deir Ezzor.

– As primeiras mulheres que chegaram a Meskene, Rakka e Deir Ezzor, disse Aram Yerkanian, foram os cadáveres que boiavam no Eufrates. Durante todo o mês de julho do ano 1915, o Eufrates esteve coberto de cadáveres inchados pela água, de cabeças, braços e pernas, tudo misturado. As águas do rio estavam encarnadas, parecia que tinha acabado de nascer a morte.

O círculo dos que deixavam o testemunho alargou-se.

– A presença de cadáveres no Eufrates é contínua, disse Roessler, o cônsul alemão de Alepo. Os corpos são todos atados da mesma maneira, dois

a dois e costas com costas. Isso mostra que não se trata de mortes acidentais, mas de um plano geral de extermínio, concebido pelas autoridades. Os cadáveres correm rio abaixo, cada vez mais numerosos. Principalmente, mulheres e crianças.

– Mais de seiscentos armênios, disse Holstein, o cônsul alemão de Mossul, sobretudo mulheres e crianças expulsos de Diarbekir, foram assassinados durante o transporte no rio Tigre. As jangadas chegaram ontem vazias em Mossul. Já há alguns dias, boiam no rio cadáveres e membros humanos. Outras caravanas vêm a caminho, e, provavelmente, lhes espera o mesmo destino.

– Pelo Aleppo, disse Guys, ex-cônsul de França, passam, desde o mês de maio, caravanas de milhares de pessoas. Após uma parada de dois ou três dias em lugares especialmente preparados para eles, estes infelizes, a maioria mulheres e crianças, recebem a ordem de se dirigirem para Idlib, Mana, Rakka, Deir Ezzor, Ras-ul-Ain, em direção aos desertos de Mesopotâmia, lugares destinados, como é convicção geral, a serem o túmulo deles.

– Milhares de viúvas, armênias do vilaiete Van, disse Jackson, o cônsul americano de Aleppo, não acompanhadas por um único homem adulto, aproximam-se de Aleppo num estado miserável e meio nuas. Estes, tal como os outros dez-vinte grupos que já passaram, são caravanas que chegam a ter entre quinhentos até três mil pessoas, arrastando consigo crianças que se encontram num estado de miséria indescritível.

E de novo Roessler:

– Sobre os armênios de Kharput, relatam que, numa aldeia situada a sul da cidade, os homens foram separados das mulheres. Os homens foram massacrados e abandonados de um lado e do outro da rua por onde as mulheres foram obrigadas a passar.

– Poderia pensar-se, disse Aram Andonian, o que tinha recolhido os depoimentos dos sobreviventes, que as centenas de crianças do orfanato de Deir Ezzor nunca existiram.

Só mais para o final, as autoridades pensaram ter encontrado a solução de um problema que até então parecia impossível de resolver: como matar sem ficarem atrás os corpos dos mortos? Não porque isso os fizesse se sentirem de algum modo culpados, mas porque as centenas de milhares de

corpos massacrados, com a pele negra agarrada aos ossos, flutuando nos rios ou jazendo no fundo das valetas, além de formarem um quadro que deprimia e preparava para a morte as próximas caravanas, impediam a livre circulação nas estradas e nos caminhos-de-ferro, amarelavam o ar e tornavam-no pesado pelo fedor da morte, incitavam os árabes a protestarem porque já não podiam utilizar a água de rio para beber, além de trazer pragas. Para afastar todo este tipo de estorvilhos, a matança das crianças de Deir Ezzor teria de ser o crime perfeito.

Os órfãos, procedentes de Meskene e das outras localidades onde estavam instalados campos de refugiados, foram encaminhados pelo deserto, para Deir Ezzor. Imaginem uma caravana com centenas de crianças desfiguradas, cobertas com trapos e cambaleando, descalças, sob o calor tórrido ou o frio cortante do deserto. Com os ombros cobertos de chagas sangrantes cheias de vermes, empurrados de trás pelos guardas a cavalo que lhes batiam com o chicote ou com o bastão. Os mortos ou agonizantes eram atirados para as carroças que acompanhavam as caravanas. O lugar onde conseguiram chegar chama-se Abuhahar. Apenas trezentas crianças ainda se mantinham de pé, as outras, em maior número, eram levados nas carroças. Nas faldas das montanhas à margem do deserto, os soldados pararam a caravana, e as carroças foram descarregadas no campo. Os soldados cercaram o lugar, esperando o cair da noite. E, com o anoitecer, chegaram os pássaros do deserto. Atraídos pelo cheiro do sangue, depois uns pelo voar dos outros e, mais tarde, pela algazarra do crocitar e do estalar da carne arrancada dos ossos, as águias e os corvos, os abutres do deserto abateram-se sobre estes corpos que, ainda que vivos, já não tinham força para se defenderem. Os pássaros bicavam principalmente os olhos, as bochechas e os lábios, tanto mais apetecíveis, porque os corpos começavam a definhar. Durante dois dias, os pássaros desceram em bandos sobre aquele campo descarnado das faldas das montanhas, e as crianças foram abandonadas à mercê dos bicos e das garras negras e afiadas. A história contaram-na, horrorizados, os árabes nómadas. E aquele que comandou os soldados, o cabo Rahmeddin, foi promovido, chegando rapidamente a chefe de gendarmaria de Rakka.

Os outros órfãos, que jaziam doentes e esfomeados no orfanato de Deir Ezzor, foram carregados em carroças, num dia gelado de dezembro. Os

moribundos foram atirados às águas do Eufrates; o rio, agitado como estava naquela altura do ano, engoliu rapidamente os corpos secos. Após uma caminhada de doze horas pelo deserto, sem nenhum tipo de comida ou água, o comandante da caravana, que sabemos que se chamava Abdullah, mas gostava que lhe chamassem Abdullah Paxá, encontrou três meios diferentes de exterminar as crianças. Mas, por sentir nos olhares dos soldados uma certa hesitação, pegou num rapazinho de dois anos e mostrou-o aos outros: «Até este miúdo, e outros e outros que vocês encontrarem da mesma idade, devem ser mortos sem piedade. Chegará um dia quando se levantará, irá procurar os que mataram os seus pais e buscará vingança. Este é o filho da mãe que algum dia nos vai procurar para nos matar!». E, girando-o umas poucas vezes no ar, atirou-o com raiva contra as pedras, esmagando-o antes mesmo de que começasse a gemer.

Muitas das carroças foram colocadas umas ao lado das outras, amontoando nelas quantas crianças conseguiam caber, e, no meio, puseram uma carroça cheia de explosivos que, uma vez detonados, despedaçou-as, reduzindo-as literalmente em fuligem. Aqueles que já não conseguiam andar deitaram-nos no campo, espalharam por cima deles palhas secas embebidas em querosene e pegaram-lhes fogo. E as outras, que não couberam nas carroças, foram empurradas para as grutas, cujas entradas foram tapadas com lenhas e palha que incendiaram, para, assim, asfixiar as crianças e deixar os seus corpos arroxeados e carbonizados no fundo das grutas.

Mas nem o crime exemplar pode ser totalmente perfeito. Uma menina, chamada Ana, abrigou-se num recanto da gruta onde, devido a uma fenda na montanha, encontrou um resquício de ar. Assim, sobreviveu, e, quando os fogos se apagaram, após arderem durante todo o dia e toda a noite, saiu. Vagueou algumas semanas até Urfa, e lá encontrou uns arménios refugiados a quem contou sobre a matança dos inocentes.

E do terceiro círculo ouve-se a voz de Djemal Paxá, o ministro da Marinha, alarmado com o grande número de cadáveres que flutuavam no Eufrates. E depois indignado pelo facto de os trajetos das caravanas puderem perturbar a circulação nas linhas férreas. Então as autoridades turcas compreenderam que, por mais perfeito que fosse concebido o sistema de extermínio dos arménios, ele continuava a apresentar uma grande falha: atrás

permaneciam os corpos dos mortos. Imperfeição que Reshid Paxá, o presidente da câmara de Diarbekir, procurou corrigir na medida do possível:

– O Eufrates tem muito pouco a ver com o nosso vilaiete. Os cadáveres que flutuam no rio devem ser provenientes dos vilaietes de Erzerum e Kharput. Os que morrem aqui são atiradas para o fundo das grutas ou, como acontece a maioria das vezes, são regados com querosene e queimados. Raramente encontra-se espaço suficiente para serem sepultados.

Voltemos ao primeiro círculo.

– Vocês não viram os lugares onde se reuniam as caravanas, disse Hraci Papazian ou, mais exatamente, o que havia sobrado deles. Em Deir Ezzor. Milhares de tendas em frangalhos. Mulheres e crianças nuas, tão enfraquecidas pela fome que o estômago delas já não aceitava a comida. Os coveiros atiravam nas carroças, juntos, mortos e moribundos, para não perderem tempo. De noite, por causa do frio, os ainda vivos colocavam os mortos por cima, para se aquecerem. Para as mães, o melhor que lhes podia acontecer era que aparecesse algum beduíno e lhes arrancasse a criança para livrá-la daquela sepultura gigantesca. A disenteria tornava o ar irrespirável. Os cães remexiam com o focinho nas barrigas abertas dos mortos. Só em outubro de 1915, por Ras-ul-Ain, passaram mais de quarenta mil mulheres, guardadas por soldados, sem um único homem saudável com elas. A cruzada das mulheres martirizadas. Ao longo da linha férrea, todo o caminho estava salpicado com cadáveres abertos das mulheres violadas.

– De um milhão oitocentos e cinquenta mil armênios que viviam no Império Otomano, disse o pastor Johannes Lepsius, cerca de um milhão e quatrocentos mil foram deportados. Dos quatrocentos e cinquenta mil restantes, aproximadamente duzentos mil foram poupados da deportação, principalmente a população de Constantinopla, Esmirna e Alepo. O avanço das tropas russas salvou a vida aos outros duzentos e cinquenta mil que se refugiaram na Arménia russa, parte deles morrendo de tifo ou à fome. Os outros conservaram a vida, mas perderam para sempre a sua terra natal. Dos quase um milhão e meio de armênios deportados, apenas um décimo chegaram a Deir Ezzor, o ponto terminal das caravanas. Em agosto de 1916, foram enviados a Mossul, mas haveriam de morrer no deserto, engolidos pela

areia ou amontoados em grutas onde, mortos e moribundos todos juntos, foram queimados.

Calaram-se. Os círculos restringiram-se à volta de Armen Garo. Ele olhou para Shahan Natali, para Shavarsh Misakian, e depois para todos os outros. Pegou nas fotografias e entregou-as aos sentados no primeiro círculo, a cada um conforme a sua missão.

– Ainda assim, repetiu cansado, não matem as mulheres e as crianças.

O lugar onde os velhos arménios da minha infância viviam parecia-lhes aleatório. A alguns deles até o tempo em que viviam parecia-lhes aleatório, só que o tempo era mais difícil de enganar. E precisamente por isso, o tempo, brotando das páginas dos álbuns de fotografias, das roupas velhas ou dos sovacos, acabou por transformá-los, um a um, num acontecimento aleatório.

Assim, como o lugar não passava de uma convenção da qual, quando as circunstâncias não eram muito agressivas, podíamos abstrair-nos, os meus velhos eram fascinados pelos espaços amplos. Falavam como se pudessem estar, ao mesmo tempo, em vários lugares. Isso ajudou-os, aparentemente, a sobreviver quando parecia absolutamente impossível, mas também os ajudou a morrer quando não havia nada mais a fazer.

Nesse aspeto, os meus avós tinham, porém, uma atitude diferente. O avô Setrak, o pai da minha mãe, parecia nunca se entediar. O seu irmão mais velho, Harutiun, tinha sido passado pela espada diante dele, e, graças a isso, teve a oportunidade de fugir e escapar com vida. Mas dado que alguém tinha morrido por ele, considerava que, de certo modo, a vida que vivia não era dele ou era só pela metade, uma espécie de vida tomada emprestada. Como outra pessoa tinha morrido para ele poder viver, restituía esta dívida vivendo, por sua vez, para os outros. Vivia para as filhas dele, Elisabeta, a minha mãe, e Maro, a quem tinha dado o nome da irmã dele, enterrada na sepultura sem terra das águas do Eufrates. Vivia para dar prendas às crianças pobres, para dar o dote, antes do casamento, aos rapazes de loja, para vestir os despidos e alimentar os famintos. Deu de comer aos prisioneiros arménios do exército soviético, detidos em trabalhos forçados no tempo do governo de Antonescu. Levou bofetadas no tempo do governo legionário, por ser suspeito de ser judeu, e só a cruz que levava pendurada ao pescoço o poupou de sofrimentos maiores.

Levou bofetadas depois da instauração do governo comunista, por ser suspeito de ser legionário, e, desta vez, a cruz que trazia pendurada ao peito já não lhe foi útil, antes pelo contrário. Mas, como diz o Eclesiastes, o pão lançado sobre as águas voltou, e um dos prisioneiros arménios, a quem outrora ajudara, agora tinha reaparecido como oficial do Exército Vermelho, de modo que o rubor das bofetadas e a confiscação das lojas foram os únicos males que lhe aconteceram, já que os comunistas lhe deixaram ao menos uma das casas e mostraram certa benevolência ao não mandá-lo para a cadeia por ter sido um explorador. Que não havia meio de mostrar a quem tinha explorado, esta era outra história, mas os comunistas dispensavam essas subtilezas. Para eles bastava o facto de a minha avó usar casacos de peles, de terem piano em casa, de irem às termas, em Olanesti e, a cereja no topo, de o meu avô organizar aos domingos, na esplanada Paxá, festas com músicos. Tornando-se guarda noturno no Liceu «Fratii Buzesti» de Craiova, o avô Setrak teve tempo de sobra para meditar, nas noites sem sono, sobre todos estes assuntos. E também sobre a comunicação, recebida em 1942, de que será internado, com toda a família, por ordem do marechal, no campo de trabalho forçado de Targu-Jiu, junto com outros apátridas *nansenianos*. A ordem foi revogada, e a avó tirou dos baús os casacos grossos e as meias de lã, delas e das duas filhas, mas guardou numa mala de madeira as do meu avô que, depois de estar a ponto de ser internado no campo, agora ia ser recrutado. Despediu-se da família e viajou para Bucareste, na primavera de 1944, onde a sua carreira de soldado do exército romeno, junto com os outros recrutas da campanha dos *nansenianos*, durou exatamente três dias. Como couberam as maneiras de mercador nas botas de soldado e nos colchetes apertados no pescoço, a história já não reza. A campanha fez dois dias de instrução e, no terceiro dia, abrigada nas casernas das redondezas da Estação de Norte, fez o seu primeiro exercício ao vivo, assistindo, do outro lado da rua, ao bombardeamento da Estação. Com a caserna desbaratada, com recrutas tão vigorosos quanto desastrados, mais predispostos a fazer negócio com enfeites militares do que a usá-los na guerra, a companhia apátrida-romena, composta pelos recrutas arménios, dissolveu-se sozinha, e os arménios, vendo que ninguém mais lhes dava ordens para formar, dispersaram-se.

Por isso, o avô Setrak, por ter passado em poucos anos por estágios tão diversos, tendo sido, sucessivamente, rico e pobre, esbofeteado, tomado por judeu, internado em campo de trabalho forçado, recrutado e desmobilizado, novamente esbofeteado, aburguesado e desaburguesado, teve todas as razões para considerar que este mundo era incompreensível. E quem considerasse que o mundo era outra coisa, na opinião do meu avô, não compreendia nada. E, para mostrar o quão absurdo era o mundo, deu o exemplo que tinha mais à mão, ou seja, o exemplo da própria morte. Deixou-se primeiro ser atropelado por um carro, quando voltava da Praça Velha, em frente à Fonte Purcicar, depois caiu de cabeça do alto do telhado da casa da Rua Barati, número 4, quando tentava arranjar o algeroz. Só conseguiu à terceira vez, quando morreu de frio, no inverno de 1985, quando os comunistas economizavam o gás e, por isso, cortavam o fornecimento dias a fio e, para que a economia fosse maior, cortavam precisamente nos dias mais gelados.

Como nada parecia mais absurdo para um homem que tinha passado, como uma costura por um forro, tantas vezes diante a morte, do que morrer devido à poupança de gás do estado comunista, o avô Setrak apagou-se com a serenidade impressa na cara. Foi sepultado no cemitério católico de Craiova, não que o tivesse sido, mas para que as coisas continuassem incompreensíveis.

Já o avô Garabet considerava que todas as coisas no mundo tinham um sentido. Ao contrário do avô Satrek, que tinha passado nos orfanatos e na aprendizagem de ofícios os anos destinados à aprendizagem escolar, o avô Garabet tinha frequentado o Liceu Agrícola de Constantinopla, o que, para aquele início de século, significava muito. Sabia muitas coisas, era inventivo e estudioso, e por nada neste mundo, para o desespero da avó Arshaluis, trocaria a ciência pelo comércio. Em consequência, como comerciante, enquanto o avô Setrak juntava um bom dinheiro, do café, azeitonas, cacau e passas, o avô Garabet estava sempre falido. Ou estaria se o seu cunhado Sahag Sheitanian, o tivesse deixado agir por conta própria. Mas ser constantemente falido não era a sua única profissão. O avô Garabet era mestre de cânticos na igreja, violinista, músico, motociclista, calígrafo, fotógrafo, pintor, professor de música e de língua arménia, retratista, costureiro de bordados e instrumentista, ou seja, praticava todos os ofícios que não rendiam nem um

tostão furado. Dito isso, a minha família, nas suas contas com o mundo, estava equilibrada. O avô Setrak amealhava, o avô Garabet esbanjava. O comunismo resolveu tudo: o avô Satrek deixou de poder juntar, e o avô Garabet não teve mais nada para esbanjar.

Mas como para o avô Garabet, as coisas mundanas, que se podiam medir em dinheiro, eram insignificantes, a vida dele não mudou muito com a vinda dos comunistas. Aliás, no tocante ao que faziam antes, a vida dos arménios de Focsani não mudou quase nada. Quem era relojoeiro continuou a ser relojoeiro. Quem era sapateiro permaneceu sapateiro. Quem era comerciante de especiarias continuou a vender especiarias. O sineiro permaneceu sineiro, o médico continuou médico. E, claro, o padre também não tirou a batina. Se os ofícios ficaram os mesmos, eles, os mestres, sofreram. Porque os mecanismos que os relojoeiros arranjavam passaram de ser suíços a russos, no lugar das botas de verniz e dos sapatos de salto alto com alça apareceram as botas grosseiras que se remendavam tanto que a sola acabava por ficar mais grossa que a pala. As lojas de doces mantiveram-se, mas desapareceram das prateleiras os produtos finos, o *lokum*, a *halva de tabin*, os *leb-lebi*, as latas de cacau Van Houten, os sacos de café, as frutas tropicais cristalizadas, as amêndoas em chocolate; em compensação, apareceram as massas gordurentas, as bolachas demasiado secas, das quais o creme se desprendia esfarelado-se todo. Apenas os pedaços de açúcar cãndi, banhados por algum raio de luz, guardavam um pequeno e teimoso brilho de outrora. Mas Dagead Aslanian, depois de arregaçar a batina, ajudado por Arshag, o sineiro, escondeu nas criptas antigas os livros e os tesouros da igreja. Só passados alguns anos foram retirados com sumo cuidado, um a um, até ser tirado o tesouro mais precioso: o pássaro de prata, de cujo bico pingava, na água da Epifania, o santo óleo, renovado a cada sete anos, mas que era remanescente do óleo santificado por Gregório, o Iluminador, no ano 301. O sino permaneceu calado e pensativo. Arshag subiu ao campanário não tanto para puxar a corda, mas para falar com o sino, que lhe respondia com silêncios de diferentes intensidades, como um órgão através de cujos tubos não se toca, mas sim respira-se. Depois, para ver pela janelinha virada a sul, estreita o suficiente para colocar uma espingarda, mas tão alta que dava para ver até a margem da cidade, caso viessem os americanos. Pela janela virada a

sul não se vislumbravam os americanos, mas pela janela a norte viam-se a chegar, da estrada de Tecuci, os russos. Passados quase dez anos, enquanto a janelinha virada a sul permaneceu calada, também pela janelinha virada a norte, agora acompanhado por outros membros do conselho paroquial, que os deixava ver um a um, Arshag viu a retirada das tropas russas, pela mesma estrada de Tecuci. Era tarde demais, as bandeiras vermelhas tinham ganho raízes, e os brasões deles com a foice e o martelo já tinham entrado no estuque, só se podiam arrancar dos frontispícios junto com a parede. Como bem disse Sahag Sheitanian, permanecendo mais que os outros com os olhos colados à janelinha: «Para nos podermos libertar, em vez de eles irem embora e nós ficarmos, deveríamos sair nós e eles ficarem cá.» Era uma manhã enevoadada, que se seguia a uma noite chuvosa, os soldados russos desapareceram depressa, a terra enlameava as suas botas, por isso não deixaram poeira atrás.

E os médicos continuaram a ser médicos, mas, como acontece em cada guerra, depois de enterrar emaranhadas pessoas famintas, ensanguentados pelas feridas, tremendo de tifo e chorando por tudo isso, agora não tinham mãos para dar conta dos partos. Crianças que, num mundo ao avesso, onde o sol se põe ao nascente, nasciam já velhas.

Assim sendo, o meu avô Garabet Vosganian mantinha-se equidistante de tudo que acontecia. Queria compreender o mundo, e então considerava-o repetível, deixava os modelos viverem no seu lugar. O seu modelo de sofrimento era o monge Komitas, com o qual, mais perto da velhice, começou a assemelhar-se cada vez mais, tanto que, quando vi pela primeira vez a máscara mortuária de Komitas, guardada pelos monges *mekhitaristas* da ilha veneziana San Lazzaro, estremei perante tal semelhança. Para o meu avô, o padre Komitas não era, provavelmente, apenas o modelo de sofrimento, mas também o modelo de loucura.

Ficava muitas vezes sentado sem se mexer e murmurava algo para si. Nós não sabíamos o que dizia, a avó não deixava aproximarmo-nos. Aquelas páginas ficaram em branco no *Livro dos Sussurros*. Outras vezes trancava-se no quarto e cantava. Tinha uma voz barítônica, que subia alegre para agudos de tenor, igual à voz de Komitas, que tinha encantado Vicent d'Indy, Camille Saint-

Säens e Claude Debussy. Cantava e acompanhava-se no violino, forçando com o arco várias cordas ao mesmo tempo, que parecia um quarteto.

Komitas foi preso também no dia 24 de abril de 1915, como os seus amigos, Daniel Varujan, Ruben Sevag e Siamanto. Permaneceu vestido na sua túnica de arquiandrita, menos o capucho que simbolizava, pela sua forma pontiaguda, o monte Ararate e que usam, desde os *catolicos* até aos monges, os representantes da Igreja Arménia. Deu o capuz e a capa a alguns desgraçados que andavam na caravana. Foram levados de carros até perto de Ceanguiri. Komitas misturou-se na multidão, tentando aliviar como podia o sofrimento, encorajando-os a manterem a fé em Deus. À noite ficava sozinho e começava a murmurar. No início, os seus camaradas pensaram que rezava. Mas não rezava, falava a alguém, e se esse alguém era Deus, então as palavras, inusitadas para um monge, pareciam admonitórias, uma espécie de salmos ao contrário. Um dia viu uma mulher prestes a dar à luz, mas, antes de conseguir se aproximar, um soldado rasgou com a espada o ventre inchado e palpitante da mulher. A partir daquele momento Komitas, tal como Andrei Rubliov, cinco séculos atrás, perante a crueldade dos tártaros, emudeceu. Só falou mais uma vez. A princípio, os outros pensaram que era uma brincadeira, mas depois perceberam que o padre Komitas tinha perdido o juízo. Parou no caminho e disse aos seus companheiros de caravana: «Não tenham pressa! Deixem os soldados passarem à nossa frente...». Depois, quando iam levar Daniel Varujan para matá-lo, Komitas falou pela última vez. Na realidade, não falou, cantou. Primeiro os salmos, «Perdoai-me Senhor!», mas com voz áspera, como se esperasse que Deus pedisse perdão a nós, depois *Grunk – O Grou*. E, quando acabou, desatou a rir. As suas gargalhadas ouviram-se durante toda a noite, estridentes e nervosas, como um tecido podre que rasga e rasga, enquanto se dobra. Muitos deles, começando mesmo com Daniel Varujan e Siamanto, foram assassinados então. Quanto ao arquiandrita Komitas, Oguz Bey, não sabendo que fazer com ele, mandou-o, por fim, de volta a Constantinopla. Ele sabia matar pessoas que caíam de pé ou tentavam fugir, matava homens que rezavam, suplicavam, choravam ou amaldiçoavam, mas não sabia como matar uma pessoa que se ria.

E Komitas não parava de rir, era um riso nunca visto, que assumia as lágrimas dos sofrendores, mas desafiava os criminosos: aquele riso mostrava que já não tinham nada para matar em Komitas.

Nunca se recuperou. Os amigos mandaram-no para um sanatório em Paris. Morreu vinte anos mais tarde, e o riso e o choro fizeram as pazes no seu rosto mortuário. O seu rosto é sereno, tal como foi o do meu avô, como se a morte fosse apenas uma paragem para descanso, como se alguém se apoiasse na margem de uma fonte refrescante e olhasse para dentro.

O avô Garabet cantava *O Grou*, a canção que fala sobre a terra natal, depois não desatava a rir, ficava calado. Sei o que fazia, porque os sinais ficavam na tela, a gargalhada do meu avô era feita a cores. Aplicava-as sem ordem alguma, pensava eu, na tela com o pincel, ou molhando o dedo na paleta, ou ainda, quando as gargalhadas não podiam ser contidas, esguichava diretamente o tubo de tinta na tela. Predominavam o preto e o laranja, que o avô examinava atentamente. Era a maneira que ele tinha de procurar entender-se a si mesmo. No esforço de entender o mundo, o avô tinha para cada coisa as suas normas metodológicas. Por exemplo, a ele se compreendia através das cores. As pessoas têm a sua carga energética. Energia significa antes de mais luz. A luz é uma combinação de cores, pode-se compreender, pelo espectro das cores, de que distancia vem, de que corpo é emanada, em que momento do dia nos encontramos. O mesmo acontece com o ser humano, coloca-se-lhe à frente uma pirâmide de cristal, observa-se e obtém-se o espectro. «Eis-me!» dizia o avô olhando de perto a folha atravessada por cores espasmódicas, chegando mesmo a tocá-la, para ver não apenas a cor e a esbelteza das linhas, mas também a nitidez ou a aspereza da pincelada.

Eram uns dos seus raros momentos de implicação. De resto, contemplava as coisas, paciente e metuculoso. Até quando comia, para compreender a essência do prato, mastigava cada garfada até trinta e três vezes, o necessário e suficiente, dizia ele, para compreender, por um lado, o sabor e o papel de cada alimento, e, por outro lado, para triturar suficientemente a comida para proteger o estômago. Sinceramente, aquele ponto equidistante de todo o resto era também equidistante de si mesmo. Contemplar-se a ele próprio com a mesma curiosidade e distanciamento com o qual se analisam as árvores do jardim ou a cronologia de uma guerra, do lugar

em que todas as coisas podem ser olhadas de fora, é também uma espécie de loucura. Só que, assim como bem vimos, o avô tinha o seu modelo de sofrimento no padre Komitas, não para imitá-lo, apenas para se espelhar nele. Enquanto a loucura do padre Komitas vinha de dentro, a loucura do avô Garabet transcendia as coisas.

Por isso, meu avô, que considerava que o mundo existia apenas para ser compreendido, dizia que quando uma pessoa se conhece de cor, quando se torna tão previsível que é capaz até de se recitar de memória, como um poema, com princípio e fim, e inclusive com rimas, então é tempo de morrer.

Se, passando por este mundo, o avô Garabet Vosganian entendia, e o avô Setrak Melikian não, então o meu padrinho de batismo, Sahag Sheitanian, sofria. E, se para o avô Garabet a primeira coisa a ser entendida, ou seja, o conhecimento de si mesmo, vinha do encontro com as cores cruzadas, e, para o meu avô Setrak, o não entender-se a si próprio vinha do encontro com as repetidas bofetadas recebidas, para Sahag Sheitanian o sofrimento por si mesmo vinha do encontro com Yusuf.

OITO

A HISTÓRIA DE YUSUF. No *Livro dos Sussurros* não existem personagens imaginárias, uma vez que todas existiram neste mundo, no lugar, no tempo e com os seus próprios nomes. Há apenas uma personagem que poderá parecer imaginária pelo facto de a sua existência transformar o *Livro dos Sussurros* numa realidade escalonada, que se multiplica por si mesma, como se fossem dois espelhos colocados um em frente do outro. Muitas vezes escrevo sobre o narrador do *Livro dos Sussurros*. Na minha história, o narrador narra sobre o *Livro dos Sussurros*. E neste novo livro narrado, aparece de novo o narrador narrando. Ele narra sobre o narrador e a sua narração. Se a ordem fosse invertida, e chegássemos ao último narrador, aquele que não tem o vício de se descrever a si mesmo, e se viéssemos dele em direção a mim, então teríamos o sonho, depois o sonho do sonho, e assim sucessivamente. Mas assim, escrevendo sobre aquele que escreve, e este, por sua vez, escrevendo debruçado sobre o manuscrito onde existe também a personagem chamada autor, que também escreve, estamos como numa descida em degraus, como aqueles brinquedos de madeira que se encaixam uns nos outros, como as *matrioshkas* que o velho Musain tinha trazido da Sibéria, baralhando a conta dos anos e esquecendo que, nesse meio-tempo, o seu filho, Arachel, já está na idade da tropa.

Entre tantas personagens reais, alguns nomes podem ser encontrados também nos livros de história; outras, apenas no *Livro dos Sussurros*. *Livro* que, apesar de falar a maior parte do tempo sobre o passado, não é um livro de história, porque os livros de história falam, sobretudo, dos vencedores; é antes uma coletânea de salmos, porque fala principalmente sobre os vencidos. E, entre as personagens dos livros, encontra-se também uma que nunca existiu e que, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, tem até um nome: chama-se Yusuf. Este Yusuf não passa de um nome tomado emprestado; existe no *Livro dos Sussurros* apenas porque, apesar de não fazer parte da estrutura do *Livro*, não deixa de ser a chave que abre a porta da sala onde mais lágrimas se derramaram neste século fronteiriço, com paredes despidas, arranhadas com as unhas, o soalho rebentado e com a terra escavada amontoada, não

aplanada, como deveria ser, assim como acontece com as sepulturas feitas à pressa. E as mais apressadas das sepulturas são as valas comuns.

Os vivos e os mortos pertencem à terra e ao céu. Apenas os moribundos pertencem por completo à morte. Ela passeia entre eles, quase com ternura; ser moribundo é um estado que a morte trata de não cortar tão depressa. É a sua aveia fresca. O estado de moribundo é uma iniciação para a morte. De Mamura até Deir Ezzor, numa distância de mais de trezentos quilómetros, um povo inteiro percorreu os sete círculos, ou seja, o caminho de iniciação para a morte. Ao fim da qual, Sahag Sheitanian encontrou-se com Yusuf.

MAMURA. O PRIMEIRO CÍRCULO. O caminho se estendia paralelamente à linha férrea. A entrada, no primeiro círculo, das caravanas que tinham juntado os arménios dos mais diversos lugares, da Anatólia europeia, Esmirna, Izmit ou Adrianópolis, ou dos vilaietes da Anatólia oriental, de Trebizonda, Erzerum ou Kharput, fazia-se a pé. Vistos ao longe, da maneira como pisavam, amontoados uns nos outros e cabisbaixos, pareciam uns peregrinos. Só que os peregrinos são movidos pela fé, e não por soldados que os tangem por trás com os focinhos dos cavalos, ou que os obrigam, com chicotadas, a reintegrarem os grupos dos quais se tinham afastado. A família de Sahag Sheitanian era composta por cinco pessoas: a avó, os pais, ele e uma irmã mais nova. Os outros dois filhos mais velhos, Simon e Haigui, tinham sido enviados, às escondidas, para Constantinopla. A sua mãe, Hermine, era uma mulher corajosa. Ainda se mantinha bem em pé, rodeava os filhos com os braços e mantinha o caminho reto, no meio do comboio, para protegê-los dos cascos dos cavalos, e para evitar que vissem os cadáveres devorados pelos corvos, à beira da estrada. Tinham algum dinheiro; Rupen, o pai, guardava-o debaixo da camisa. Com parte dele conseguiram pagar uma espécie de bilhetes, isto é, compraram a boa vontade do chefe da estação de Izmit, e entraram num comboio com o qual atravessaram a linha Eschiser-Konya-Bizanti-Adana, a meio caminho de Mamura, onde o comboio parou, por ordem do exército que tinha bloqueado a linha férrea. Mas a parada do comboio, embora o resto do trajeto devesse ser feito por caminhos estreitos e rochosos ou planícies, sob um calor tórrido, e seria esgotante, salvou-lhes a vida, porque os vagões de animais onde foram amontoados eram demasiado pequenos, a

comida estava a acabar, e água ninguém lhes tinha dado. Os mortos que ainda estavam nos vagões eram os que tinham acabado de morrer, porque todos os que tinham morrido no caminho já tinham sido atirados dos vagões ao longo das terraplanagens.

Foram, assim, duplamente afortunados. Primeiro, porque não tiveram de andar a pé centenas de quilómetros, e, segundo, porque foram mandados sair dos comboios quando estavam a um passo de morrerem todos sufocados. Mas a maioria deles, principalmente os que vinham dos vilaietes ocidentais, não tiveram a mesma sorte. Aqueles fizeram todo o caminho a pé; alguns, os mais abastados, conseguiram arranjar carroças e mulas. Devido ao cansaço, ao frio, à fome, às pilhagens e às chacinas do quase um milhão e meio de deportados, meio milhão morreu antes de alcançar a margem do primeiro círculo. A estes, juntam-se aqueles que ainda assim chegaram, não pelos próprios pés mas levados pelas águas do Tigre e do Eufrates.

Em setembro, as noites começavam a ser frias, sem que o calor do dia abrandasse. Foram empurrados para um terreno extenso, perto da estação de Mamura. Quanto se alcançava com a vista, as pessoas tinham levantado com sabe Deus o quê, cobertores, roupas ou lençóis, uma espécie de tendas. A maioria delas sustentava-se em apenas quatro paus, estendendo por uma área de três ou quatro metros quadrados algum tecido desbotado, bom contra o sol ou a chuva, mas completamente inútil contra o frio. Sahag contou com a vista tantas tendas improvisadas que as margens nem se viam. Ficavam de propósito nos arredores da cidade, do outro lado da linha férrea, para que a fronteira dos carris pudesse ser melhor guardada, e ninguém ousasse entrar na cidade, à procura de pão. Eles ainda tinham alguns alimentos, comeram à pressa e com cuidado, para não serem vistos pelos outros.

De vez em quando, grupos dispersos aproximavam-se da linha férrea, mas eram logo enxotados de volta ao acampamento. Mas, por fim, os soldados deixaram de ameaçá-los, permitindo que cuidassem das suas coisas. Porque, desta vez, aqueles que andavam de tenda em tenda ajudavam aos de dentro das tendas a carregarem os seus mortos. E, para não deixarem os mortos completamente sós, colocavam-nos um ao lado do outro, depois, quando se multiplicaram em demasia, um em cima do outro, de tal modo que a morte formava montículos que rodeavam o acampamento como umas torrezinhas de

vigilância. Os animais bufavam de fome e pelo cheiro a morte. Eram, sobretudo, mulas, atreladas às carroças ou carregando fardos nas selas, que mostraram ser mais resistentes, os cavalos tinham morrido ou de sede ou com os tornozelos partidos nos caminhos estreitos da montanha. Os cães mantinham-se à parte; sentiam no olhar das pessoas a mesma fome e perseguição, esperavam pacientes, junto com os bandos de corvos, o cair da noite.

Dormiam apertados uns nos outros para se aquecerem. De dia, despiam-se e penduravam as roupas atadas por cima da tenda. Tinham feito um acordo com dois jovens, recém-casados, de Konya, para dividirem a carroça deles; os homens empurravam-na por trás, à vez, para ajudar a mula. Uma mulher ofereceu-se a coser-lhes os lençóis para resistirem melhor ao vento. Estava com o noivo dela, iam se casar mas os convidados morreram pelo caminho.

A mãe de Sahag tinha duas panelas onde recolhia a água da chuva. Quando a água estava a ponto de acabar, limpavam os lábios com os panos que estendiam durante a noite para humedecerem com o orvalho.

Quando a multidão de tendas era demasiado extensa e ameaçava transbordar a linha férrea, e quando o número de cadáveres era tão elevado que o ar engrossava com o cheiro a morte, os soldados irrompiam a cavalo entre as tendas e açoitavam milhares de pessoas outra vez a caminho. As tendas desmoronavam-se debaixo dos cascos dos cavalos, as pessoas eram empurradas à base de chicotadas para a margem do acampamento. Quando não conseguiam arrumar as tralhas ou desmontar as tendas, os soldados apressavam-nos ateando fogo aos telhados feitos de trapos secos.

Chegou a vez deles no fim de outubro. Até a próxima parada havia mais ou menos cinco horas de caminhada para uma pessoa normal, mas eles precisaram de quase dois dias.

ISLAHIYE. O SEGUNDO CÍRCULO. O caminho passava pelas montanhas Amanus, nos picos, depois descia para Islahiye, na margem de um rio. Quando atingiram o segundo círculo, chegou também a primeira nevada. Muitos vestiam trapos desbastados, e apenas o pó embebido em suor engrossava um pouco a roupa, aquecendo-os. Deixaram o cobertor na mula e taparam-se, todo o caminho, com os lençóis. Abandonaram a carroça, que não

cabia nos estreitos trilhos, e os homens carregaram nas costas algumas coisas, o que puderam. Quando aqueceu um pouco, rasgaram um lençol em faixas e ataram-se um a outro, para não escorregar naqueles vales abruptos. Era um caminho limpo, de montanha, e assim permanecia também depois da passagem da caravana, porque os que caíam, impotentes, eram empurrados a pauladas para o precipício. A velha foi levada na mula, o que a ajudou a suportar o caminho, ao contrário de muitos outros que sucumbiram ao cansaço ou, moribundos, caíram, batendo nas rochas. Quando chegaram ao Prado, o comboio foi recebido por um bando de algumas dezenas de curdos armados. Como a um comando, os soldados pararam e deixaram a caravana avançar indefesa. As pessoas pararam, olhando assustadas para os homens montados nos cavalos que se lançaram contra eles, agitando no ar as espingardas e as espadas. O Prado era estreito, atrás havia as montanhas, de um lado e do outro, os vales abruptos e, em frente, os cavaleiros. Uma cena que já conhecemos de centenas de relatos. Caravanas abandonadas, indefesas, na maioria mulheres e crianças, espalhando-se pelo campo, num verdadeiro salve-se quem puder, sem saber que, justamente quando alguém consegue sair da multidão, torna-se uma presa mais fácil para os cavaleiros dedicados às pilhagens e massacres, sejam eles criminosos libertados propositadamente das prisões turcas e armados, sejam curdos, chechenos ou beduínos. Raramente apareciam por acaso, a maioria das vezes eram informados sobre a data e o itinerário das caravanas, e os soldados eram instruídos a afastarem-se para deixarem os outros fazer o trabalho deles. Uma vez só para os saquear e para lhes tirar as mulheres jovens, outras vezes, o que era mais frequente, para exterminá-los. Não existia nenhuma regra; a pessoa podia ser morta por levar dinheiro e joias, bem como por não ter nada para lhes dar. O mais acertado era se agachar ou se deitar fingindo estar morta. Se tivesse a sorte de não ser pisoteada pelos cavalos, podia escapar até que, de tanto cavalgar atrás dos alvos em movimento, os bandidos se cansavam, ou caía o crepúsculo, e então eles se afastavam gritando e atando com cordas nas selas as mulheres roubadas, que não paravam de espernear. Atrás ficava um campo salpicado de cadáveres, de onde os ainda vivos se levantavam com dificuldade, confusos.

O noivo da mulher com quem tinham travado amizade foi também morto. Levava pendurado ao pescoço um fio sem valor, mas brilhante. Um dos bandidos quis o fio e resolveu decapitá-lo. Foram obrigados a abandoná-lo ali, presa dos animais.

Carregando os feridos, só conseguiram chegar de madrugada ao campo de Islahiye. Na entrada do acampamento havia, de um lado e do outro, dois montes de cadáveres, principalmente de crianças. Montaram as tendas. A comida estava a acabar. De manhã, os soldados a cavalo atravessavam o campo, atirando aleatoriamente pão por cima das tendas. As pessoas atropelavam-se, agarrando várias o mesmo pedaço e lutando por ele. Já perto do almoço, o acampamento acalmava, as pessoas rastejavam debaixo das tendas, vigiando os que estavam a morrer.

Os soldados mantinham-se à parte, porque o cheiro pesado da morte não era adocicado, mas sim acutilante, agouirando a chegada da disenteria. O comandante do campo chamou os homens que ainda tinham algum vigor e ordenou-lhes arrumar os cadáveres. Como a fome e a disenteria fizeram só no campo de Islahiye, naqueles meses de outono, mais de sessenta mil mortos, o comandante ordenou que os cadáveres fossem deixados à beira do acampamento dois ou três dias, antes de serem enterrados. Ao vento, os mortos secavam e mirravam, ocupando menos espaço; assim, as valas comuns tornavam-se mais espaçosas.

Depois aproximaram as tendas para impedirem que os bandidos, principalmente os beduínos das aldeias próximas, tivessem espaço para passar entre elas. Não tinham medo uns dos outros, porque nenhum dos deportados ia roubar dinheiro ou ouro, porque não lhes servia de nada. E aquilo que ainda poderia ser tentador – farinha, açúcar ou carne seca –, já tinha acabado há muito tempo. Os animais procuravam perto dos muros ou nos terraplenos um resto de relva. Os atacados por dentro pela disenteria jaziam dobrados, esperando a morte. Os outros mastigavam longamente os pedaços de pão esfarelado, atirados dos cavalos a galope.

Aconteceu algo milagroso e atroz ao mesmo tempo: veio a neve. Apressaram-se a sair das tendas com as palmas das mãos esticadas; ainda havia suficiente vida neles para que os flocos de neve se derretessem nas mãos em concha e, depois, lambessem as gotas dos dedos. Mais tarde,

quando viram que a queda de neve aumentava, esperaram até ela cobrir o solo e lamberam-na do chão, junto com os cães e as mulas. Sahag saciou-se mais que os outros, ao observar que a neve engrossava e persistia nas testas dos mortos, mais frios até que a terra.

Mas, com a nevada, veio um frio terrível que gelou a terra, transformou os lençóis que serviam de tendas em pregas cortantes, limpou o ar, acabou com o enxame de todo tipo de bichos, e os miasmas caíram como o orvalho na terra. As pessoas aproximaram-se umas das outras, juntando-se de várias tendas debaixo da mais espaçosa, e no lugar onde alguém conseguia acender o lume, derretendo alguns gravetos gelados, apinhavam-se, ainda que apenas conseguissem ver ao longe a chama moribunda.

Os que se encontravam à beira da morte estavam tão esqueléticos de fome e queimados de frio que, ao arrastarem-nos entre as tendas pelas mãos ou pelos pés, os braços ou os tornozelos partiam-se, estalando, como se fossem galhos secos. Quando a neve derreteu, recomeçou a formação das caravanas. Os céus umedeceram e desabou a chuva. Os caminhos tornaram-se um lamaçal. Enfaixaram os pés com tiras de lençol, porque senão os pés descalços grudavam-se à terra, e as pessoas já não tinham forças para arrancá-los da lama. Debaixo da chuva miudinha que derretia qualquer contorno, a nova caminhada durou quase uma semana. Não era possível contar os mortos porque, neste caminho nebuloso, onde ninguém via mais do que o vapor azulado da própria respiração, a carne dos que caíam, molhada pela chuva, era tão mole e pegajosa como o lodo argiloso. Eram pisados pelos que vinham de trás, e a carne deles se misturava, como uma massa negra, tapada pela lama da estrada. A chuva não cessou nem quando chegaram.

BAB. O TERCEIRO CÍRCULO. O campo de tendas pretas estendia-se por uma faixa a apenas alguns quilómetros da localidade, precisamente para evitar o acesso dos deportados à cidade. Devido ao solo argiloso, a água misturada com a neve em poças, transformou tudo em lama.

Não conseguiram contar seus mortos que ficaram pelo caminho, porque mal podiam lidar com os que morriam agora, no interior do campo de deportados. Os homens, tantos quanto sobraram, organizaram-se em dois grupos. Um deles tratava de carregar os mortos para fora do acampamento e

de cavar valas comuns. Era mais difícil carregar os mortos no terceiro círculo, pois ao estarem secos como a terra rachada e com os ossos leves pelo frio, chupavam a água e inchavam, e as veias ensopadas rebentavam, avermelhando os corpos qual carne crua. Inchados e difíceis de dobrar, ocupavam mais espaço, e as valas, além de a terra estar toda pegajosa, tinham que ser maiores.

O segundo grupo de homens percorria os campos, aproximando-se da cidade, mas só até à lixeira e à borda dos bairros pobres, à procura de alimento, constituído, a maior parte das vezes, por animais mortos. Uns, um pouco mais ágeis, atiravam pedras aos corvos e caçavam os cães que cercavam o acampamento e que, ao cair da noite, remexiam as valas tapadas à pressa à procura de carne ainda não putrefata.

Assim rebentou a epidemia de tifo. Primeiro, ela atacou as crianças. Cobriu-lhes os rostos de manchas vermelhas que, devido à miséria, rapidamente se transformavam em chagas sangrantes, onde o sangue e o suor da febre misturavam-se. Depois passou para as mães delas, que não podiam conter o ímpeto de apertar ao peito os filhos que tiritavam de febre. Apenas o gelo do inverno impediu que a epidemia se alastrasse a todos. Mas o mesmo frio fez com que os que adoeciam não tivessem escapatória possível. Com o medo da doença, os soldados permaneciam a uma certa distância, e raras vezes se aventuravam entre as tendas, sem descer dos cavalos, só para atirarem algum pão, a toda a pressa. Ninguém se preocupava em limpá-lo da lama; os sortudos que apanhavam um pedaço de pão corriam para dividi-lo com os da sua tenda ou, então, agachavam-se com a cabeça enfiada no peito, segurando-o e devorando-o sem mastigar sequer, não fosse alguém a vê-los e deixá-los sem nada.

De vez em quando, principalmente as mulheres que enlouqueciam de pena pelos seus filhos moribundos aventuravam-se até as imediações da cidade para pedir comida ou para procurar um abrigo mais seguro e uma cama lavada. Eram repelidas com pedras ou pauladas, isso quando não eram logo mortas a tiro.

A mulher com quem tinham começado a caminhada adoeceu. Estava agachada, e nada podiam fazer por ela, a não ser tapar-lhe os ombros com toda a roupa que tinham. Um dia, o homem da família Sheitanian voltou com

um corvo morto, que tinha caçado quando rondava, com seu bando, o monte de cadáveres. O homem tinha um brilho selvagem no olhar, o rosto sugado era coberto por tufo de pelo ondulado, as roupas estavam esfarrapadas e, para que o vento não as agitasse, tinha-as prendido com uma corda que dava várias voltas, do peito até a cintura. Em vez de botas usava duas faixas de pano atadas e, na planta dos pés, tinha prendido um pedaço de madeira. Isso tornava seu andar desarticulado e arrastado, levantando de vez em quando os pés só para ultrapassar um obstáculo. Para caçar não precisava correr, nem teria forças para tal; bastava carregar a carniça e, quanto aos cães e corvos, gordos graças à comida que o acampamento lhes oferecia, bastava atirar a pedra com alguma precisão e, depois, com a mesma pedra, esmagar-lhes a cabeça. Ou torcer-lhes o pescoço rapidamente. O que Rupen Sheitanian tinha feito, pois a cabeça do corvo estava numa posição anormal. Vendo-o assim, Hermine apertou os filhos contra o peito e sussurrou, perturbada: «*Ur es, Asdvadz? Onde estais, Senhor?*». «Deus está morrendo, mulher. Olhe, os seus anjos já morreram.» E atirou o pássaro negro no meio da tenda.

Com muita dificuldade conseguiram acender uma pequena fogueira asfíxiante, feita de paus húmidos, e comeram a carne do pássaro depenado. Mas isso não ajudou a mulher doente, cujo estômago encolhido já não recebia comida. Vomitou o único pedaço que tinha conseguido engolir e, não podendo conter os espasmos, morreu sufocada logo a seguir. «É o sinal do anjo negro», sussurrou Hermine. «É outro sinal, ainda mais amaldiçoado, se Deus mata até os anjos negros», disse Rupen. E olhou para o céu cinzento, a terra enlameada, a chuva miudinha e os vapores do acampamento que uniam numa bruma ávida o céu e a terra. Subiram a mulher na mula, pendurada de um lado e do outro, como os alforjes, e Rupen levou-a para a margem, no local onde os corpos inchavam e alargavam, gelatinosos. Mas, primeiro, despiram-na e dividiram a roupa entre a irmã mais nova de Sahag, para protegê-la do frio, e a jovem mulher de Konya, para que os beduínos não a cobiçassem, vendo-a nua.

Por mais que as pessoas do lugar se tivessem resguardado, enxotando os deportados que rondavam, como se fossem cães, com tudo que tinham à mão e gritando «*Ermeni! Ermeni!*», para que outros viessem e atirassem ainda mais pedras contra as criaturas que se aproximavam vacilando e de braços

estendidos; ainda assim, por mais que se tivessem protegido, o tifo acabou chegando à cidade. Os árabes reuniram os guerreiros e invadiram o acampamento de deportados, varrendo-o com os cascos dos cavalos, matando-os a golpe de espada ou a tiros, empurrando os outros com as espadas e bordoadas e, por fim, incendiando as tendas. Como sempre, os soldados contemplaram indiferentes, recebendo de bom agrado a ajuda que, tal como noutras ocasiões, os bandos de guerreiros davam à fome, à disenteria e ao tifo. A carnificina durou o dia inteiro, e os guerreiros prometeram voltar se, no dia seguinte, os deportados não se fizessem à estrada, para onde quisessem, mas longe das casas deles.

Apesar de as instruções serem de manter o acampamento de Bab no isolamento até a primavera, devido ao descontentamento dos moradores locais, as caravanas retomaram o caminho. Era 5 de janeiro; na verdade não sabiam ao certo, ninguém tinha mantido a contagem dos dias e, dado que não havia nada que distinguisse os dias uns dos outros, como, por exemplo, a missa aos domingos, apenas a passagem das estações do ano foi perceptível e, mesmo assim, com certa aproximação. A única contagem, um pouco mais exata, era aquela dos mortos, que os soldados turcos mantinham traçando com a baioneta um risco no poste mais próximo de cada lugar de depósito de cadáveres. Mas até essa conta se tinha perdido quando, com a devastação do tifo, os mortos começaram a ser transportados nas carroças e atirados diretamente nas valas. Quanto à chegada do Natal, tentaram calculá-la pela extensão das noites, mas, como o céu estava sempre encoberto e cinzento, as noites pareciam mais longas do que eram na realidade. E, dado que no dia seguinte partiam as primeiras caravanas, não sabiam quantos conseguiriam chegar até o fim, os poucos padres que restavam, que só se diferenciavam dos outros pelo comprimento das barbas, decidiram que aquela noite era véspera de Natal.

Os que ainda tinham algum resto de vela acenderam-na. Hermine disse: «Deixem que se veja a luz». Queimaram toda a vela, limpando com os dedos a cera quente e espalhando-a nas palmas das mãos. Deveriam ter guardado um cabo de vela para a noite de Ressureição. «Até lá estaremos todos mortos», disse Rupen enquanto enfaixava os pés.

MESKENE. O QUARTO CÍRCULO. Para não se aproximarem de Aleppo, onde existia de novo o risco das epidemias, ante a hostilidade crescente da população local, e por ordem expressa de Djemal Paxá, para que os deportados e as caravanas deles fossem mantidos à distância da linha férrea, a caravana teve que contornar o caminho mais acessível, por Aleppo e Sebil, e atravessou lugares mais agrestes, por Tefridge e Lale. Uma pessoa em pleno vigor físico poderia percorrer o caminho de Bab até Meskene em dois dias, isto se contarmos que poderia gozar de um sono reparador num caravançara de Lale, comer até se fartar e dispor de odres com água, carregados por mulas. As colunas saídas de Bab fizeram o mesmo caminho em, no mínimo, dez dias, quando não em duas semanas.

À saída de Bab começou a nevar de novo. Como não seguiam pela estrada principal, por Aleppo, e a neve cobria todo o terreno, as colunas enganavam-se frequentemente e, depois de alguma ponderação, os soldados empurravam-nos para o caminho certo com os focinhos dos cavalos. Não era difícil enganarem-se, porque os elementos das caravanas, até os mais resistentes das primeiras filas, levando com o vento no peito, caminhavam quase sempre olhando para o chão, levantando poucas vezes o olhar, não para o caminho – que, para eles, era interminável – mas para o céu, à procura de um rasto de luz, um sinal de que ia deixar de nevar ou, simplesmente, um sinal. Embrulharam-se em todos os restos de tecidos e lençóis, que ainda tinham e que ataram ao corpo com cordas, contra o vento. Os cobertores mais grossos foram guardados para os pés; com eles, faziam uma espécie de pantufas embebidos em óleo, se ainda restasse, ou então nas poças com petróleo, para resistirem à neve. A coluna partiu compacta, mas, depois, à medida do cansaço, estendeu-se por quase um quilómetro. Os soldados contentavam-se em empurra-los, desistindo de apressá-los; os que levavam chicotadas ou pauladas, em vez de acelerar, caíam de joelhos. Estes, ao ser interpretada a queda como um sinal de protesto, eram mortos com cacetadas na cabeça, para economizar as balas. Caíam inconscientes na neve, o que era equivalente à morte. Depois desistiram, deixando-os avançar ao ritmo deles. Os mais esgotados andavam cada vez mais devagar ficando para trás da caravana, custava-lhes cada vez mais tirarem os pés da neve até que, por fim, ficavam estáticos, plantados na neve com as pernas demasiado geladas para dobrarem

os joelhos. Morriam de pé, com os braços caídos, à mercê do vento, como árvores negras e secas. As carroças enviadas pelo governador de Aleppo, preocupado com o elevado número de mortos que, abandonados pelo caminho poderiam espalhar a epidemia para a cidade, encontravam-nos às vezes, passados dias, ainda em pé, com os braços gelados, que o vento fazia estalar. No início, os coveiros assustaram-se. Depois, limitaram-se a arrancá-los da neve como se fossem uns troncos com raízes podres, achando que a terra já devia estar farta de tantos mortos e deixara que estes morressem em pé.

Dormiam nos caravançarais abandonados, onde às vezes ficavam dois dias seguidos, para recuperarem um pouco as forças. De Aleppo, junto com as carroças para os mortos, chegaram também alguns sacos de *bulghur*, uma espécie de trigo decorticado, que foi repartido tanto quanto cabia nas duas mãos juntas em concha. Em Tefridge, e depois em Lale, viram ao longe um monte de pavilhões, montadas nos postes, com telhado de chapa, algumas tendo até uns abrigos em tijolo, e alegraram-se ao pensar que podiam proteger-se de frio. Mas só lhes foi permitido aproximarem-se até a umas dezenas de metros. Para que o caminho para Meskene não fosse salpicado com mortos, as autoridades decidiram levantar essas barracas, no vilaiete de Aleppo, onde juntariam os moribundos das caravanas. Eles já não recebiam nenhum tipo de cuidados; deitavam de quinze a vinte em cada pavilhão e abandonavam-nos à morte. O estado a que tinham chegado era tão lamentável, que já nem tinham forças sequer para se virarem para o outro lado ou para se defenderem dos enxames de insetos. Morriam na mesma posição em que eram colocados, muitas vezes de olhos abertos, porque as pálpebras estavam demasiado abatidas e secas para se fecharem por cima do branco dos olhos. Por isso, estes acampamentos eram vigiados apenas por alguns guardas sem pistolas, mas armados com paus e pedras contra os cães, as hienas e os corvos, e mesmo assim sem muito empenho.

A alegria da aproximação deste tipo de lugares, que parecia estar preparado contra as pragas do vento, da chuva e da neve, foi substituída pelo espanto e, depois, pela consternação, quando a caravana foi detida perto dos pavilhões, mas impedida de aproximar-se. Em cada um dos dois abrigos, a caravana foi recebida por um grupo de soldados encabeçado por um sargento e um homem vestido de preto, que era tratado, pelos outros, por *doktor efêndi*.

Este ordenou que todos se alinhassem em fila, a um passo de distância, para não se apoiarem uns nos outros. Uns caíam imediatamente, facilitando assim o trabalho de *doktor efêndi*. Ele não tinha vindo para tratar dos vivos, mas sim, dos mortos. Para não arriscar a que houvesse demasiados cadáveres espalhados pelo caminho, principalmente porque em Alepo havia uma série de consulados prontos para enviarem telegramas às cortes imperiais europeias, *doktor efêndi* sinalizou os moribundos, que eram rapidamente retirados, levados para os pavilhões e espancados, se a pouca vida que lhes restava tentasse resistir. *Doktor efêndi* avaliou cada um deles, apontando com o dedo qualquer um que tivesse exantemas, tremores dos pés à cabeça, tez demasiado pálida e olhos enterrados no fundo da cabeça ou cantos da boca cobertos com uma espuma verde-arroxeadada, fruto do estertor dos pulmões perfurados. Em cada um destes dois acampamentos de moribundos, a caravana mingou em dez por cento. Dos que partiram de Bab, mais de um terço não chegou a Meskene. Muitos deram o último suspiro nos dois pavilhões dos moribundos, os corpos dos outros perderam-se pelo caminho, a carne derreteu-se-lhes ao mesmo tempo que a neve escorrendo em riachos, e os ossos maceraram-se nas rochas.

Em Meskene, na fronteira do quarto círculo, as caravanas reencontravam o Eufrates, a sepultura movediça de milhares de deportados. No meandro do rio, depois de Meskene, juntavam-se os cadáveres vindo do norte, que as águas ainda não tinham engolido nem os peixes tinham devorado. Os corpos eram trazidos à margem com arpões. Dado que a terra estava congelada, e havia demasiados corpos para enterrar, regaram-nos com querosene e ateavam fogo. A fumaça preta podia ser vista do acampamento de Meskene, por isso os deportados sabiam por que a fumaça era tão espessa, por que a pira era tão húmida que o lume só ardia abafado, e sabiam o que flutuava no rio, mas, ainda assim, aproximaram-se da margem, ajoelharam-se e beberam com avidez da água que tinha gosto de água sanitária.

Uns levantaram novas tendas, outros instalaram-se em tendas abandonadas. Como sempre quando aparecia uma nova caravana, o número de mortos aumentou, depois voltou ao normal de quinhentos a seiscentos por dia. O frio já tinha cedido um pouco de dia, mas continuava feroz durante a noite. As chuvas e as nevadas tinham praticamente cessado e seriam cada vez

mais escassas, à medida que se aproximassem do deserto. O ar também se tornava mais seco, daí o estertor dos moribundos.

O acampamento ficava sob severa vigilância. Os poucos que conseguiam esquivá-la eram apanhados no campo em direção à cidade, submersos algumas horas até ao pescoço nas águas frias do rio e, depois, deixados na margem, ao sabor do vento. Se sobrevivessem, eram reencaminhados para as tendas onde, tremendo e delirando, apagavam-se passado pouco tempo.

De repente, a mula caiu de joelhos e recusou a água. Tinha sido um bom animal. Rupen passou um bom bocado fazendo-lhe festas na testa com carinho, e, depois, golpeou-o repetidamente com uma pedra, no mesmo lugar que tinha acariciado. As crianças choraram-na, mas limparam as lágrimas quando sentiram o sabor adocicado da carne, que não era fibrosa como a dos corvos nem amarga como a das carniças. Chegou-lhes para alguns dias e ganharam alguma força. Receberam também um punhado de *bulghur*. Quando levantaram os olhares incrédulos ante tal gesto de boa vontade, perceberam o motivo pela boca de Kior Hussein, o mesmo que castigava os fugitivos mergulhando-os nas águas geladas: «Não quero que morram aqui. Já temos preocupações de sobra. A terra é pegajosa, difícil de cavar. Vocês vão morrer de qualquer jeito. Mas tratem de chegar ao deserto por seus próprios pés. Lá já não vão dar trabalho para ninguém. O vento e a areia vão dar conta de vocês».

Compreenderam então que aqueles que recebiam um punhado de grãos deveriam continuar a caminhada. Deixaram que se achegassem ao rio e bebessem da água desenxabida que, tal como as águas do Jordão, havia de ganhar sabor à carne humana. O *bulghur* era um remédio passageiro para as tripas secas pela disenteria. E a água inchava no estômago as sementes engolidas sem serem mastigadas; sentiam-se dolorosamente famintos, mas, ao mesmo tempo, saciados. O corpo pedia mais vigor, mas o estômago, encolhido pela fome, inchava, prestes a rebentar as paredes enfraquecidas de tanto trabalhar em vão.

Sahag tinha emagrecido; os tornozelos ficaram apenas um pouco mais grossos que os braços. A sua mãe fazia render o que sobrara dos saquinhos de farinha e de açúcar, comprados na estação de Konya de umas pessoas do lugar, que, sabendo para onde iam, e incrementando o preço do desespero, cobraram-lhes o triplo do que valiam.

Comiam à noite, para conseguirem dormir porque, como tinha observado Hermine, a fome era mais difícil de aguentar durante a noite, já que o corpo dobrava-se sobre si mesmo. Primeiro, dividiu por igual; depois deu mais aos filhos e menos a eles. E, em Meskene, deixou de dar à velha que, numa noite, benzeu-se, virou-se com a cara para a parede e morreu toda encolhida. E assim foi colocada na carroça dos mortos, de manha, e também assim foi atirada na vala. Como ninguém tratava de lavar os mortos, nem de velá-los, nem de lhes recolher as mãos ao peito, uma vez no caixão, já não havia necessidade de lhes pôr panos quentes nas articulações, para esticar os braços ou as pernas dobradas. Não tinham com quê e, ainda que se dessem ao trabalho de amolecer as cartilagens geladas e secas das articulações, seria em vão, porque nas valas comuns os corpos não eram colocados um a um, mas sim atirados de qualquer jeito. «Mais valia mantê-la aqui até à tarde. Até lá as valas enchiam, e ela ficava mais acima...», disse Hermine. Rupen já não respondeu, limitou-se a levantar os ombros. Já não falava, só encolhia os ombros, e a mulher já nem sabia se era uma maneira dele de falar ou apenas fazia aquilo para descontrair as costas cada vez mais curvadas.

A velha tinha escolhido o momento oportuno para morrer. No dia seguinte, a zona deles do acampamento foi cercada por soldados e empurrada de novo para a estrada. Morta a mula, a velha já não conseguiria andar, e seria arrastada para as carroças com moribundos, de volta a Lale, onde as únicas coisas que abundavam eram os enxames de insetos e a paciência com que se deixava morrer os moribundos, estendidos lado a lado.

DIPSI. O QUINTO CÍRCULO. Normalmente, de Meskene até a Dipsi eram cinco horas de caminho. A caravana precisou de mais de dois dias. Pela primeira vez, os passos encontraram as terras arenosas, sinal que se aproximavam do deserto.

As carroças que recolhiam os mortos e os moribundos já não os acompanharam. De vez em quando, os coveiros, que retiravam os cadáveres, esperavam que os ventos remexessem a areia e tapassem os montes de corpos nus e enegrecidos. Contudo, os dois dias de caminhada até que foram calmos. O céu tinha aberto, e os ventos tinham sossegado. Os cadáveres jaziam à beira da estrada, em grande parte já devorados pelos animais. Entre

eles, moribundos, mulheres e homens esgotados pelo cansaço, fome ou sede, crianças que não entendiam o que se passava e que esperavam a morte, escorados nas pedras ou nos troncos secos. Este empenho em permanecerem sentados era o último esforço de lutar contra a morte; caso contrário, deitados à beira da estrada, a areia iria tapá-los e asfixiá-los.

O acampamento, formado por alguns milhares de tendas, estava situado num vale da margem direita do Eufrates. Os que o tinham disposto assim pensaram que, ao estar cercado de colinas, seria mais difícil que os cheiros fétidos da morte, do tifo e da disenteria se espalhassem. O caminho era mais curto entre Meskene e Dipsi do que entre Bab e Meskene; por isso, o governador de Alepo deixou de organizar, nas paradas intermédias, asilos para moribundos, que, eufemisticamente, batizou de *Hastahane*, ou seja, hospital. Porém, tendo em conta o estado de degradação em que chegavam as caravanas, depois dos dois dias de estrada arenosa e trilhas estreitas de montanha, todo o acampamento de Dipsi chamava-se *Hastahane*. E merecia este nome, visto que, nos poucos meses em que funcionou como campo de concentração, morreram aí mais de trinta mil pessoas.

O dito hospital carecia por completo de medicamentos e não tinha outra assistência além daquela oferecida pelos médicos arménios, de entre os deportados que tinham sobrevivido, e que nada mais podiam fazer a não ser diagnosticar a doença, quando ela não era evidente, e calcular o tempo de vida que restava ao doente. O campo de concentração de Dipsi foi um dos degraus mais fundos na iniciação para a morte, não tanto pelo enorme número dos que deram aí o último suspiro, mas, principalmente, pelo número muito maior dos que, contaminando-se, haviam de morrer mais à frente, no caminho para Deir Ezzor, o lugar onde caiu a sétima vestimenta da morte.

Corria o mês de março. As chuvas tinham acabado. De vez em quando, ao anoitecer ou de madrugada, formava-se uma cortina de nuvens. A primavera chegaria desapercibida para os deportados, que olhavam cada vez menos à sua volta e, mesmo quando olhavam, era com medo, atraídos pelo trote dos cavalos ou pelos mosquetes e chicotes dos beduínos. Por isso, olhavam quase sempre para baixo. E foi assim que descobriram a primavera. Em Abuhahar, Hamam, Sebka e Deir Ezzor, onde as árvores eram cada vez mais raras, a primavera chegava de surpresa, quando nasciam tufo de erva,

com folhas finas e compridas. No início, não sabiam como comê-las; as gengivas sangravam, feridas pelas bordas cortantes, e engasgavam-se com as folhas fibrosas. Depois, os mais habilidosos e pacientes ensinaram, aos demais, a arte de comer erva. Era preciso esmagar as folhas na palma da mão até formar uma bola; depois, colocar um pouco de sal por cima para humedecê-la. Não se devia mastigar de uma vez, mas sim empapá-la com saliva – a que fosse possível encontrar numa boca seca –, e permanecer assim alguns minutos, até que a boca esfomeada a transformasse numa espécie de pasta, como num ensopado. Quando já não se achava mais erva, Rupen arrancava as raízes e as lavava na água do Eufrates. Cortava-as em pedacinhos e, amolecidas na água, podiam ser comidas passadas algumas horas.

Não chovia, mas o céu não estava limpo. A aproximação do deserto levantou uma neblina que a poeira sacudida pelo vento mantinha suspensa. Havia menos cães e lobos; em compensação, apareceram as hienas. Eram mais difíceis de apanhar, mais rápidas e estavam mais habituadas à aridez do deserto. E as suas carniças eram impossíveis de encontrar, porque as hienas, quando sentiam que o seu fim se aproximava, perdiam-se no ermo de onde tinham vindo. Sobravam os corvos, difíceis de acertar, porque devido à neblina pardacenta não se distinguia o céu aberto por onde não passavam aves e, muito menos, entre elas, os anjos brancos dos anjos pretos.

Como a erva escasseava devido aos miasmas, mas também por causa dos cavalos dos soldados turcos, que pastavam à volta do acampamento, Hermine e Rupen, depois de uma difícil ponderação, decidiram ingressar Sahag nas fileiras dos mensageiros.

Os meus avôs, Garabet Vosganian e Setrak Melichian, não cantavam, nos seus momentos de solidão, canções dos deportados. Assim como nenhum dos outros velhos da minha infância. Os poemas que líamos, quando crianças, nos nossos encontros, as canções que escutávamos evocavam, sobretudo, os guerreiros que tinham lutado nas montanhas, não os massacres e as deportações. As caravanas desceram silenciosas os degraus da iniciação para a morte. Talvez porque o sofrimento interior era demasiado forte para deixar que algo transparecesse. Talvez por não acreditar que ainda existiria algo depois daquilo.

Mas, sem deixarem transparecer nada, os deportados escreviam para eles próprios. Os manuscritos que permaneceram no espaço dos sete círculos da morte foram escritos nos caminhos da deportação, onde quer que houvesse um pedaço de madeira, um marco de quilometragem no acostamento, um tronco com casca mole, uma parede. Por muito tempo, até que a chuva as lavou e o vento as apagou, permaneceram escritas ou gravadas na madeira e na pedra palavras e letras arménias. Quem passava deixava avisos aos que vinham a seguir. E estes, por sua vez, se ainda houvesse espaço, adicionavam as suas próprias palavras. Nos campos de deportados circulavam folhas de papel que passavam de uns para os outros. Não eram assinadas, com medo das represálias, e também não eram datadas. Não era necessário. A realidade, com exceção da neve, que se transformava em lama, e do lodo, que virava poeira errante, era imutável.

As notícias descreviam a realidade de cada círculo da morte. Os que enviavam essas notícias eram os mensageiros. Eles eram escolhidos entre os rapazes mais ágeis, que tinham a possibilidade de se infiltrar sem serem vistos. E, para que fossem capazes de percorrer os caminhos com rapidez, recebiam provisões para o trajeto. Alguns não regressavam, ou porque eram incorporados às caravanas mais avançadas, o que encurtava seu caminho para a morte, ou porque eram assassinados pelo caminho. Por isso, os mensageiros eram sempre voluntários e escolhidos entre os órfãos, já que poucos pais aceitavam se despedir assim de seus filhos. Quem decidia, nesta ponta das caravanas, chamava-se Krikor Ankut. Quem respondia, na outra ponta, de Deir Ezzor, era Levon Shashian, até que foi morto, após sofrer torturas inimagináveis.

Krikor Ankut examinou o rapaz, empurrou-o, com golpes no peito, mas Sahag encontrou forças para se manter firme e não caiu. Então, o homem decidiu que o menino era apto. O caminho até Deir Ezzor levaria mais ou menos seis dias, mas os mensageiros caminhavam principalmente durante a noite, e de dia tratavam de se refugiar nos barrancos à beira do rio; por isso o caminho de ida e volta durava mais de duas semanas. Sahag soube o nome daquele que, no campo de deportados de Rakka, iria garantir-lhe os víveres para o resto do caminho até Deir Ezzor. Rupen e Hermine ficavam à parte e observavam, sem saberem se a missão que tinham consentido seria a

salvação ou a morte do seu filho. Alguém ficou de vigia fora da tenda; outro trouxe uma vasilha com água. Hermine lavou com cuidado as costas de Sahag; depois, o rapaz deitou-se de barriga para baixo, com os braços em cruz. Krikor Ankut molhou a pena no tinteiro e escreveu devagar, na pele do rapaz, cobrindo as costas até o cóccix com letras maiúsculas, o mais estilizadas possível, para simplificar os sinais e acabar quanto antes, e também para não arranhar tanto o rapaz, que suportava sem se queixar o esgaravatar da pena. O facto de a pele estar esticada sobre os ossos facilitou o trabalho. O rapaz ficou um bocado sem se mexer, para que a tinta pudesse secar. Depois, misturaram terra na vasilha com água e fizeram uma lama fina com a qual lhe taparam as costas. Assim, besuntado com lama, estava só um pouco mais sujo do que estivera antes. Perguntaram-lhe se sabia nadar, e o rapaz respondeu que tinha crescido às margens do Bósforo. Depois, Krikor indicou-lhe, traçando com o dedo, na terra, o caminho para Deir Ezzor. «Caminhe à noite, seguindo sempre a margem do Eufrates, nunca se afaste dela. Se não conseguires safar-te, atira-te na água e aguente ali quanto puder, até que a tinta amoleça e seja lavada pela água. Eles não podem saber o que está escrito. Faça a mesma coisa na volta. Principalmente na volta.»

Hermine recebeu, em nome do rapaz, os víveres para a viagem. Guardou um punhado de grãos de trigo e de arroz para a irmã mais nova dele, depois abraçou-o, e ele desapareceu na noite. Não se despediram. Vendo tanta morte à volta e aceitando-a como uma realidade incontornável, já há muito se tinham despedido uns dos outros.

Sahag fez rigorosamente o que lhe foi pedido. Racionou a comida, aguentou a fome uns três dias, mas não parou em Rakka, com medo de não conseguir sair de lá. Quando chegou a Deir Ezzor, procurou por Levon Shashian. Este limpou a lama e leu a mensagem de Krikor Ankut. Voltaram a limpá-lo para escreverem outras letras e depois espalharam, nas costas, uma camada fina de lodo misturado com cinzas. Na volta, Krikor Ankut deu-lhe primeiro um pouco de água e um punhado de *bulghur*. Mandou que as mulheres o limpassem e, quando leu, pediu que o deixassem sozinho. Apagou com a mão o que estava escrito nas costas do rapaz, abraçou-o e disse-lhe: «Não contes a ninguém o que viste em Deir Ezzor. A maioria não vai acreditar em ti, e não vai adiantar em nada. E aos que ainda assim venham a acreditar,

não vai servir-lhes para nada. Volta para junto dos teus pais.» Quando o viu, Hermine abraçou-o e chorou, não tanto de alegria por tê-lo de novo junto deles, mas de pena.

Nos meados de abril, o campo de Dipsi foi fechado, e as últimas caravanas partiram seguindo o curso do Eufrates. O campo foi cercado por soldados e gendarmes a cavalo, que irromperam entre as tendas, dando pauladas e chicotadas, revirando os abrigos e empurrando as pessoas para a margem, onde se formavam as caravanas. Quando todos aqueles que se podiam manter de pé e correr ao ritmo dos cavalos saíram das tendas, obrigados a abandonarem os moribundos, deu-se o sinal de partida. Depois de quase uma hora de caminhada em direção às colinas, virando a cabeça para o acampamento-hospital de Dipsi, viram levantar-se uma densa fumaça. As tendas tinham sido regadas com querosene e incendiadas. Pela cor da fumaça e pela forma das chamas, compreenderam que junto com os tecidos das tendas ardiam também os corpos humanos, secos ou ainda húmidos, moribundos, tudo emaranhado.

RAKKA. O SEXTO CÍRCULO. A marcha durou mais de uma semana. De dia, o calor era abrasador, mas as noites continuavam demasiado frias. As pessoas andavam cada vez mais devagar, vacilando. Para estas caravanas desnorteadas, indiferentes aos empurrões e chicotadas dos vigilantes a cavalo, ao menos já não havia o perigo de serem atacadas por bandos armados, porque nada restava para ser roubado. Só nas paradas, os árabes aproximavam-se para comprar raparigas em troca de saquinhos de trigo. A caravana seguia a margem direita do rio e chegou, finalmente, a Sebka, o campo de concentração da margem oposta de Rakka, de onde a cidade era vista como uma terra milagrosa e proibida. A água do Eufrates conseguia aplacar a sede dos deportados. Mas havia cada vez menos possibilidades de conseguir algo para comer. De vez em quando, os gendarmes distribuía, atirando dos cavalos, sacos com comida, enviados pelos consulados estrangeiros ou pelas fundações cristãs. Atirados à multidão, grande parte da comida era desperdiçada. As pessoas puxavam os sacos de farinha ou de açúcar, que se esparramavam ao serem rasgados com as unhas. Outras ajudas, como, por exemplo, grão-de-bico ou arroz, não se podiam comer por

falta de dentes. As pessoas engoliam sem mastigar, mas o estômago não conseguia digerir-los, quer por já não estar acostumado, ou porque, devido à disenteria, já não dava tempo. Rupen já não andava à caça; os cães eram cada vez mais raros, e os lobos andavam em alcateia. Não foram poucos os casos em que se atiraram sobre os que remexiam nas lixeiras e os devoraram. Ele ia junto com os outros para retirar os mortos. Participava nas cavações das valas comuns; um serviço mais leve, visto que já não havia necessidade de enfiar com tanta força a enxada na terra dura ou lamacenta: bastava remover a areia com a pá, como se mudassem as dunas de um lado para o outro. Contudo, era uma operação difícil, tendo em conta que agora deviam cavar valas bem mais profundas, caso contrário o vento levantaria os túmulos que cobriam as sepulturas, deixando os mortos descobertos.

À cabeceira das valas comuns ninguém rezou. Nelas foram enterrados principalmente os mortos recentes. Das caravanas levadas para lugares isolados e fáceis de cercar, para serem massacradas, e dos campos de concentração até a morte por fuzilamento, inanição, imersão em água gelada ou queimando vivos os moribundos, todos os métodos utilizados para exterminar os arménios nos caminhos da Anatólia, desde Constantinopla até Deir Ezzor e Mossul, foram utilizados mais tarde pelos nazis contra os judeus. Só que, nos campos de concentração nazis, as vítimas eram contadas, e essa macabra numeração intensificou o horror dos crimes perpetrados contra o povo judeu. Não que os mortos resultantes das ações de extermínio contra o povo arménio tenham sido em maior número – se é que se pode fazer este tipo de comparação em se tratando de crimes dessa magnitude –; simplesmente, foram inumeráveis. Os nomes que conhecemos são principalmente os dos carrascos, governadores, comandantes de campos de concentração, paxás, beis, agás e sargentos. As vítimas raramente têm nome. Nunca a morte, despojando-se das suas vestes, círculo após círculo, esteve mais perto de sua essência; nunca a morte careceu tanto de nomes.

Ainda não se inventaram tradições quanto ao modo de organizar uma vala comum. De que modo se deve cavar a fossa, como se devem colocar os mortos, se mais abaixo os homens, no meio as mulheres e em cima as crianças, como são lavados, como devem ser vestidos, que tipo de orações deve rezar o padre e de que descanso no outro reino deve falar, que tipo de

cruz se coloca, quantos braços deverá ter essa cruz, e o que se escreve nela. Nada disso é sabido. Cada vala comum tem as suas regras, e a única característica que todas essas valas têm em comum é a pressa com a qual foram feitas. O que afasta a ideia de tradições seculares, porque não existe uma tradição da pressa.

Os túmulos recebem um nome e são ornamentados, para que não sejam esquecidos os que ali estão enterrados. As valas comuns foram feitas para que os mortos atirados nelas fossem esquecidos o mais depressa possível. As valas comuns são a parte mais culpada da História.

Desta essência da morte sem nome, desenhamos sete círculos, com o centro em Deir Ezzor. No espaço abrangido por eles, cuja circunferência mais larga passa por Mamura, Diarbekir e Mossul, morreram, naqueles tempos, mais de um milhão de pessoas, cerca de dois terços de todos os mortos no genocídio armênio. Sabemos que eles estiveram lá e que, dos que entraram nos círculos da morte, dos que não foram islamizados, vendidos como escravos ou oferecidos para haréns, quase ninguém escapou. Qualquer um podia morrer em qualquer parte. Não existe família de armênios neste mundo que não tenha alguém desaparecido, como num remoinho, nos círculos da morte. Assim, as pessoas podem rezar à beira de qualquer vala comum pensando que ali se encontra alguém que pertenceu à sua família.

Rupen sabia que estava a fazer uma boa ação. A morte era um refúgio para a situação humilhante dos vivos, e as valas comuns eram um refúgio para a situação constrangedora dos mortos. Mas havia outra razão pela qual Krikor Ankut, junto com os homens que ainda tinham forças, decidiram apressar a retirada dos mortos das tendas e a cavação das valas comuns. Uns dias antes, tinham retirado, de uma tenda onde vivia uma família numerosa, um morto sem rosto. Observaram longamente o cadáver com o rosto comido, como se fosse mordido por ratazanas. Mas no acampamento não havia tocas, portanto não existiam ratazanas. Todos compreenderam, mas não abriram a boca, nem precisaram fazer nenhum pacto de silêncio, considerando que ninguém poderia contar algo tão atroz. Quando os sinais deste tipo se multiplicaram, os homens decidiram pesquisar por conta própria, de manhã e à noite, para que nenhum cadáver permanecesse demasiado tempo na tenda.

De Alepo foram enviadas para Rakka e Sebka novas guarnições. Os soldados e os gendarmes mantinham-se à distância do acampamento. O campo não era difícil de defender. A margem norte era a beira do rio, um Eufrates difícil de atravessar até para um homem em pleno vigor. À esquerda e à direita estendiam-se as planícies ao longo das quais não se podiam esconder, e, ao sul, ficava o deserto. E, realmente, salvo os pequenos mensageiros, poucos conseguiram fugir, integrando-se nas multidões misturadas das feiras de Rakka, e daí, fazendo o caminho inverso ao das caravanas, para Bab e Mamura, ou, ao norte, para Urfa.

Os soldados não vigiavam apenas as pessoas, mas também as bestas e até os pássaros. O medo das epidemias que assolavam as caravanas de deportados era grande entre a população de Rakka e as tribos de beduínos. Por isso, o governador de Alepo tinha proibido que se aproximassem do campo coveiros que não pertencessem às caravanas, e as carroças enviadas para o acampamento foram deixadas nas mãos dos deportados. Por fim, nos lugares onde não foram os próprios deportados que mataram os cavalos para comê-los, foram os soldados que acabaram com eles, para evitar que fossem portadores de alguma das doenças que, depois de se terem propagado à vontade, ficaram mais resistentes e tornaram-se incuráveis.

Assim como estavam, observando as tendas, engraxando as botas, escovando os cavalos ou limpando as armas, os soldados, com os seus uniformes novos, pareciam preparados para um desfile. Nem sequer viam as caras dos deportados, seja por estarem bem longe, seja porque, quando se aproximavam deles a cavalo, para lhes atirar a comida, passavam a todo galope, ou porque não tinham nenhum interesse nisso.

Aliás, o sentimento era recíproco. Para os deportados, os soldados tinham todos a mesma cara; para os soldados, os prisioneiros passaram a carecer de rosto, e até de outros traços humanos, desde que receberam ordem de atirar, sem piedade, em qualquer um que ousasse sair do sexto círculo: pessoa, animal ou pássaro.

Enquanto os deportados estavam cada vez mais esgotados, após meses de cansaço e fome, os soldados estavam cada vez mais descansados, porque os deportados eram cada vez mais fáceis de vigiar, e as paradas cada vez mais frequentes. E o que contrastava ainda mais era que, enquanto os

deportados andavam cada vez mais maltrapilhos os seus cavalos, mais enfeitados.

Os homens conseguiram organizar-se de modo que os mortos fossem recolhidos quanto antes. Assim que chegava uma nova caravana de Abuhahar e de Hamam, a rede de retirada dos mortos entrava em ação. Tinham começado a trabalhar ao ritmo da morte. Mas isso teve consequências nefastas, porque a morte, vendo-se controlada, acelerou o ritmo. Por outro lado, deu o que pensar aos soldados que viram que, no campo de Sebka, as pessoas começaram a contestar as regras da morte, e quem tem a coragem de se opor à morte pode desafiar qualquer um neste mundo. Então, apressaram a saída da caravana para Deir Ezzor, para criar desordem. Mas o campo de Sebka conseguiu reorganizar as equipes de recolhedores de cadáveres; eles se reagrupavam principalmente por medo: medo não da morte, mas de si próprios.

Este poder de se organizarem, tão insólito para um campo de concentração com homens esfarrapados e quase moribundos, podia ser tolerado em Sebka, onde havia apenas alguns milhares de tendas, mas poderia tornar-se perigoso em Deir Ezzor, no âmago do sétimo círculo, onde os deportados podiam ser contados por dezenas de milhares.

Por isso, certa manhã, o comandante mandou avisar que todos os homens entre quinze e sessenta anos deviam reunir-se no extremo do campo. Seriam enviados a trabalhar nas terraplenagens. E receberiam, com certeza, comida e água potável. Eles saíram das tendas, e alguns acreditaram que, se estavam a ser enviados para trabalhar, significava que precisavam deles e, em consequência, seriam poupados. Outros saíram desconfiados e, mesmo assim, só depois de os soldados ameaçarem entrar a cavalo, pelas tendas adentro, à procura deles. Outros, como Rupen, juntaram-se indiferentes. Desde que se tinha tornado caçador de anjos, sem se preocupar muito com a cor deles, mas sim com a carne fibrosa debaixo das penas, Rupen se tinha esvaziado por dentro; vivia apenas para proteger os filhos. Precisamente por isso, quando Sahag se apressou a segui-lo, pensando que com os seus catorze anos poderia ser admitido nas filas dos homens, Rupen o deteve e mandou-lhe um par de bofetadas que deixaram o rapaz atordoado, mas tiveram o dom de acalmá-lo.

Alguns teimaram em permanecer escondidos. Tal como o marido da mulher da tenda contígua, de quem eram amigos. Juntos formavam um só, e precisamente por isso, cada um deles, o marido e a mulher, podia tomar o aspeto do outro. Espigada, quase sem busto e estreita de quadris, a mulher, vestida com roupas de homem, no alinhamento das caravanas, não atraía a atenção dos soldados e conseguia esconder-se dos caçadores de mulheres. O marido, magrinho e lampinho, com cabelo comprido pela selvageria, vestiu-se de mulher, esperando com o coração na mão a inspeção das tendas. Mas isso não aconteceu. Quando os homens foram enfileirados e contados, consideraram que quinhentos era um número satisfatório, e deram a ordem de saída.

Seja como for, a parte masculina estava desfalcada nas caravanas. Durante o deslocamento para Deir Ezzor, os homens foram os alvos prediletos dos ataques guerreiros. Nalguns lugares, para não haver margem de erro, as caravanas eram separadas desde o princípio em homens e mulheres; os homens eram assassinados pelo caminho, nas emboscadas dos bandos de guerreiros ou, diretamente, pelos soldados que deveriam protegê-los. Assim, a maior parte das colunas era formada por mulheres, crianças e velhos; estes vieram a morrer quase todos, dada sua incapacidade de manter o mesmo ritmo dos outros, até Sebka. Algumas caravanas, principalmente as que vinham do poente, tinham feito até aí mais de mil quilômetros.

O par de bofetadas mandado não com fúria, mas com desespero, foi a última lembrança que Sahag guardou do pai, Ruben Sheitanian. Os homens foram levados em direção ao sul, para o deserto da Síria, e fuzilados. E a morte regressou vitoriosa, estendendo-se, como uma seda verde, sobre o campo de concentração.

Quando a caravana em que se encontravam Hermine e os seus dois filhos, bem como o casal apaixonado, começou a andar, a primavera chegava ao fim. As águas do Eufrates já estavam mais calmas e límpidas. Como os vilaietes, ao longo das duas nascentes do Eufrates, já tinham sido esvaziados de arménios, os cadáveres do rio diminuíram, e os que foram devorados pelos peixes, engolidos por remoinhos ou engalfinhados pelas margens já não foram substituídos por outros. Como qualquer sepultura, o Eufrates fechou-se e deu, novamente, lugar à vida.

Se o caminho de Meskene para Deir Ezzor passasse por outro lugar, certamente os deportados já teriam morrido há muito tempo, sobretudo de sede, com a chegada do calor tórrido. Todavia, o rio que antes misturava água morta com água viva, agora já oferecia ondas transparentes. E assim permaneceu durante todo o caminho até Deir Ezzor, onde o Eufrates abandonava as caravanas ao seu destino, e descia ao encontro do rio Tigre.

DEIR EZZOR. O ÚLTIMO CÍRCULO. Dir-se-ia uma caravana de fantasmas. Pareciam leves à mercê do vento; um bando de pássaros cadentes, não um alinhamento de pessoas. As fotografias tiradas pelos turistas estrangeiros que conseguiram aproximar-se das caravanas ou fotografar, depois, aqueles que ficaram prostrados à beira da estrada, esperando a morte, mostram-nos, no caminho para Deir Ezzor, principalmente crianças. O caminho para o sétimo círculo foi uma espécie de cruzada das crianças, tendo o mesmo destino de todas as cruzadas desarmadas. As crianças daquelas fotografias são esqueléticas, com o corpo mirrado, com a barriga retraída, com as costelas proeminentes, tensas como uns arcos de aço por cima da cavidade do esterno, com os braços e as pernas finas como galhos, com as cabeças desproporcionalmente grandes, assim como as cavidades oculares, que parecem sair da órbita ou enfiadas no centro da cabeça. As crianças olham sem expressão alguma no rosto, senão aquela de devaneio mental, olham como se fossem do outro planeta, não estendem as mãos, não pedem nada. Nos seus olhos não há ódio, pois viveram muito pouco para compreender e condenar. Também não há súplica, porque esqueceram o que é a fome; não há tristeza, porque não viveram as alegrias da infância; não há esquecimento, porque já não tinham lembranças. Nos seus olhos há o nada. Nada, a janelinha entreaberta para o outro mundo.

O colapso de uma mulher condenava à morte também o filho. A maioria das vezes, este permanecia junto da mãe, esperando a morte juntos. Hermine observou, com desespero, o rubor do tifo no rosto da menina. Em pouco tempo, devido à canícula, as manchas vermelhas aumentaram. Hermine avançava, apertando a menina e chorando. Sahag quis ajudá-la, mas a mãe não deixou que se aproximasse, para protegê-lo da doença. Nem ela a tocou mais, apenas a observava enquanto dormia, procurando, com o coração

apertado, os sinais da doença. Às vezes acreditava, desesperada, que os tinha descoberto. Outras vezes, respirava de alívio; eram apenas manchas de poeira que, misturadas com o suor, ganhavam a cor do sangue seco. Conteve-se para não abraçá-la enquanto dormia; apenas acariciava a menina, sem se preocupar se ia adoecer também; antes, pelo contrário; só a ideia de deixá-la sozinha no outro mundo aterrorizava Hermine que, não sabendo como curar a filha, rezava para morrerem juntas.

O caminho de Sebka até Deir Ezzor foi o mais longo e assustador de todos. Quase cem quilómetros a pé. Como o calor começou a incomodar também os soldados a cavalo, que cochilavam nas selas, ao lado das caravanas que se arrastavam com os pés queimados pela areia, decidiram caminhar durante a noite e, de dia, paravam na margem do rio, de onde ainda vinha uma brisa refrescante. Os poucos homens que restavam improvisavam tendas para se defenderem da canícula. Alguns enlouqueciam enquanto dormiam: tremiam, agitavam-se, e era preciso bater neles com força para acordarem e não sufocarem durante o sono. Outros enlouqueciam acordados e começavam a andar sem rumo; mas a caminhada acabava depressa para eles, porque, tendo perdido a habilidade de se protegerem, caíam abatidos pelas balas.

Eram caravanas sem sombra. Durante o dia, estendidos na terra, não deixavam sombra ou, onde vingava um pedacinho de sombra, tapavam-se com ela como se fosse um lençol. As sombras colavam-se ao corpo como o suor. De noite, caminhando com medo, tropeçando nas pedras ou caindo nos buracos da margem da estrada, tornavam-se as suas próprias sombras. Estavam tão enfraquecidos que já não tinham forças nem para deixar sombra e arrastá-la atrás com eles, como uma rede de pesca. As caravanas sem sombra precisaram de quase duas semanas para chegar de Sebka a Deir Ezzor.

O campo estava situado na margem direita do Eufrates. Desta vez, as tendas contavam-se às dezenas de milhares. Deir Ezzor era o último centro, para o nascente, onde ainda se organizavam este tipo de campos de concentração. A partir de Deir Ezzor já não existia trânsito para este mundo.

Por isso, aos deportados já não lhes foi dada mais comida. Como a vegetação era escassa, e os homens que poderiam matar os bichos do deserto, atraídos pelos cadáveres, também tinham diminuído, a fome tornou-se

insuportável. Os corpos estavam tão debilitados que as doenças proliferavam mais devagar, porque o organismo não tinha forças sequer para portá-las. Os doentes com tifo deixaram de ter febre porque já não geravam anticorpos. Ante a fome, as outras doenças bateram em retirada, deixando-a trincar os ventres, puxar a pele dos ossos e secar as entranhas.

Havia cada vez menos incidentes. Depois de a direção do campo ter descoberto o grupo à volta de Levon Shashian, que tinha organizado não apenas os jornais vivos levados na pele dos órfãos de um campo para o outro, mas também um esquema de abastecimento de medicamentos e comida, tanto quanto era possível, e, tal como no campo de Sebka, equipas que conseguiam enterrar os cadáveres ao ritmo da morte, depois de tudo isso ser descoberto, Levon Shashian foi tirado do campo e morto com brutalidade pelo próprio Zeki Paxá, o chefe do campo de concentração. Qualquer forma de organização interna foi suprimida e, assim, na opinião dos soldados, qualquer perigo de revolta desapareceu, e o campo caiu na letargia. O receio do exército de uma revolta parecia, talvez, não justificado, pois os soldados estavam bem equipados, descansados e mais não poder e armados até os dentes, enquanto os deportados estavam cada vez mais esqueléticos, mais esfarrapados e mais vacilantes na embriaguez da morte. Só que os soldados estavam mesmo com medo, e as autoridades de Alepo e Deir Ezzor também. Os soldados tinham sido instruídos para lutar contra outros soldados, e as armas deles tinham sido fabricadas para serem ameaçadoras para inimigos que temem a morte. Ainda não se tinham inventado armas que assustassem quem nada temia. Cansados e esgotados pela fome, os deportados não tinham consciência de que o seu destemor da morte constituía, justamente, uma força a temer. Embora a força deste destemor da morte aumentasse a cada novo círculo, o caminho pelos sete círculos da morte não foi de revolta. A caminhada das caravanas significou, antes, uma espera da morte. A morte, perambulando pelo campo, tinha-se tornado um deles; ela foi uma das vítimas dos círculos de Deir Ezzor.

E fora, ela transparecia apenas como um murmúrio surdo. Um viajante alemão, que conseguiu ver de perto os deportados de Deir Ezzor, ficou profundamente chocado não tanto pelas coisas evidentes, que as fotografias mostravam em toda sua crueza, mas por um detalhe: naquele lugar horrendo,

não viu pessoas chorando. Ou, melhor dito, não viu aquilo que, habitualmente, se entende por uma pessoa que chora, ou seja, não viu lágrimas.

Mas não é verdade que as pessoas não choravam. Apenas choravam de uma maneira diferente. Os que ainda tinham forças para se sentar, balançavam-se; os outros choravam com os olhos bem abertos para o céu. Mas o choro era uma espécie de gemido ininterrupto, com voz baixinha que, repetido por milhares de peitos, ouvia-se em uníssono. O choro não era um rasto no rosto; era um som. Como este uníssono fluía sem fim e sintonizava-se com o meio ambiente, soava como o rugido do vento entre as dunas ou o correr das águas do Eufrates, e não cessou, nem por um momento, até que as últimas caravanas de Deir Ezzor foram levadas para os planaltos onde os deportados eram mortos. Aquele pranto seco fazia de oração, de maldição, de silêncio, de confissão e, para alguns, até de sono. Muitos adormeciam chorando assim; outros morriam chorando, e o choro ainda vibrava no peito imóvel, como um tubo de órgão. Escutei este pranto quando o avô Setrak se balançava na espreguiçadeira do jardim e murmurava, ou quando o avô Garabet se trancava no quarto e parava de tocar violino.

No início, o choro gemido irritou os soldados, até porque, repercutido pelas águas e pelo vento, parecia vir de todos os lados. Depois, acostumaram-se; o uníssono mostrou ser mais seguro que qualquer sentinela; enquanto fluísse constante, significava que nada de estranho estava acontecendo. Poderia parar se as pessoas encontrassem outra ocupação que não fosse morrer ou chorar os mortos. Poderia parar, diziam os soldados, se os deportados se revoltassem ou se morressem todos. Os deportados, salvo nos casos de demência, que quase sempre acabavam com um tiro no peito nos arredores do campo, não se revoltaram. Morrer, não morreram tão depressa, porque, pelo visto, de tanto conviver com os deportados, a morte já os amava. Apesar de os campos terem sido abolidos passados uns meses, e os deportados, nesse ínterim, terem sido quase todos mortos, o uníssono não desapareceu em Deir Ezzor.

Mas, então, atentos a esse marulho que traçava um leito mais vasto que o do Eufrates, os soldados turcos não se preocupavam muito com a vigilância do campo de Deir Ezzor. Do lado sul e do nascente não havia problemas, porque estava o deserto. Quem quisesse fugir naquela direção, não teria nenhuma

possibilidade de sobreviver. Além disso, o Eufrates, que beirava o campo, também não brindava esperança alguma.

Deir Ezzor foi, durante algum tempo, o destino de todas as caravanas de deportados, sem que as autoridades decidissem o que fariam a seguir. Talvez esperassem que, por aqueles caminhos, as caravanas desaparecessem pouco a pouco, e que Deir Ezzor fosse apenas um lazareto, onde aqueles que, apesar de tudo, conseguissem chegar acabassem morrendo rapidamente; uma espécie de *Hastahane*, como havia em Tefridje e Lale. Apesar de todas as ocasiões para morrer, que lhes foram oferecidas com fartura, algumas centenas de milhares de deportados teimaram em sobreviver. Ou, talvez, melhor dito, esqueceram-se, simplesmente, de morrer. O campo ia ficando cada vez mais lotado e difícil de controlar, não tanto pelas pessoas, senão pelo que estas padeciam e acarretavam: doenças e miasmas. Como as autoridades da capital do Império desejavam uma solução célere e definitiva do problema arménio, Deir Ezzor converteu-se de lugar de destino em estação de trânsito. Já não era o trânsito entre dois campos de concentração, mas sim, trânsito entre dois mundos.

Dentre todos os sofrimentos, mais forte que as doenças ou as dores revelou-se a fome. Desprovido de qualquer fonte de alimentação, deixado à mercê da comida aleatória, desde ervas, frutos podres ou mel selvagem até carniças de animais, o campo de Deir Ezzor entrou num estado alucinante. Os corpos esqueléticos achegavam-se ao Eufrates para beber água, com um andar hesitante; sentavam-se depois, com a cara ao sol, balançando-se e gemendo, alimentando-se da luz, como as plantas. Alguns, perdendo a razão de ser das coisas e até mesmo de qualquer outra sensação que não fosse a fome, metiam na boca tudo que lhes caía nas mãos, roíam a casca das árvores, panos impregnados com o sabor salgado do suor, ou fezes que, devido à fome, eram duras e miúdas, como as das cabras. Após o assassinato de Levon Shashian e dos que trabalhavam nas valas comuns para protegerem os mortos, os cadáveres voltaram a permanecer demasiado tempo nas tendas. Apareceram de novo mortos sem rosto, sem um braço ou uma perna. Os que passavam pelas tendas, uma vez em vários dias, para retirarem os corpos truncados ou em decomposição, já não ficavam horrorizados. Uns até faziam de propósito; de caçadores de corvos ou de hienas tinham-se convertido em

caçadores de mortos. Por isso, os que estavam dentro das tendas olhavam-nos com desconfiança e não entregavam os seus mortos a qualquer um.

Mesmo assim, a operação não era nada fácil. Era cada vez mais difícil distinguir os mortos dos vivos. Os vivos jaziam horas a fio sem se mexerem e até adormeciam de olhos abertos, cegos por causa do sol que lhes queimava o branco dos olhos. E os mortos tremiam, às vezes, devido às grandes variações de temperatura entre o dia e a noite, quando as articulações amoleciam com o calor ou, pelo contrário, se contraíam com o frio da noite. Por isso, começaram a ser recolhidos ao acaso, e alguns chegavam a voltar da beira da vala, acordados pelo arfar dos que atiravam os corpos por cima dos outros.

Quando se deu o sinal, as caravanas se formaram de novo. Uma parte foi encaminhada para o nascente, em direção a Marat e Suvar. Outras rumaram para o poente, tomando o caminho de Damasco. Em ambas as direções, o desfecho era o mesmo. Uma vez chegados a algum planalto que a vanguarda considerava conveniente, os soldados afastavam-se, cercavam a caravana e começavam a disparar. Quando já não restava ninguém em pé, enfiavam as baionetas nos canos das espingardas, tiravam as cimitarras da cintura e passavam por cima dos corpos, esfaqueando, para cumprir com as lâminas onde as balas tinham falhado. As caravanas contavam entre trezentas e quinhentas almas. Seu destino era sempre o mesmo; a única diferença era que, às vezes, os soldados deixavam o trabalho nas mãos dos beduínos, contentando-se apenas com a inspeção final, para se certificarem de que a tarefa tinha sido concluída com sucesso.

Hermine esperava, com a filha ao colo, a chegada da morte. A menina era cada vez mais sacudida pelos tremores da febre; de noite, Hermine estendia-se por cima dela para tentar aquecê-la. Sahag conseguiu trazer um punhado de tâmaras verdes, uma vez até uma romã, caída da sela de um soldado. Comeram, um a um, os bagos agri doces, mantendo-os um tempo debaixo da língua. Na tenda ao lado, o casal apaixonado sofria de fome sem poder procurar comida, pois a mulher não deixava por nada o marido abandonar o abrigo, com medo que fosse visto e morto pelos soldados. Parecia que se alimentavam um do outro e, abraçados assim, resistiram. Até uma noite quando, com a chegada do frio, soltaram-se do abraço e levantaram-se. Tiraram as roupas e a mulher entregou-as a Hermine. «Cubra a menina, está

tremendo de frio», disse. Estavam nus. Hermine olhou para eles assombrada, não por causa da nudez, que, como qualquer outra coisa que podia acontecer ao corpo, não era inédita no campo, e sim porque eram incrivelmente belos. Tinham uma luz estranha no olhar; o cabelo alisara e brilhava à volta da testa; a carne era de uma brancura desoladora; as coxas dela tinham arqueado, e o peito, arredondado; os músculos dele estavam torneados e tensos em torno aos ossos. Pérolas de luz cobriam seus ombros e ao redor deles não se fez sombra. «Viemos para nos despedir», disse ele, mas parecia que os lábios não se mexiam. Depois, pegou a mulher pela mão e foram embora. Permaneceram bastante tempo com o olhar fixo naquelas silhuetas, talvez devido aos contornos de luz que os corpos tinham adquirido. Tão iluminados e tão indiferentes estavam, quase flutuando por cima da areia, que Hermine e Sahag esperaram, aguçando os ouvidos, o estampido dos tiros. Mas não aconteceu nada, nem sequer depois de anoitecer, quando a escuridão envolveu o barro e a cera de seus corpos. Restou apenas um odor desconhecido, como se fosse a fumaça das cinzas de mirra e âmbar. «Escaparam», sussurrou Hermine. «Vou chamá-los de volta», disse Sahag. «Naquela direção é o deserto, vão morrer. Ninguém voltou vivo do deserto.» Hermine fez sinal para que se sentasse e achegou-se a ele. «Deixe-os... São lindos e sem pecado. Sempre acho que o Rupen tem razão.» Ela falava do marido no presente do indicativo, como se fosse alguém que partiu para longe, mas vai voltar, embora naquele então Rupen já tivesse sido morto junto com os homens que integraram a caravana de Sebka. «O Rupen tem razão. Deus morreu. Deixe-os seguir em frente. Aqui, onde os viste pela última vez, nos confins do campo de Deir Ezzor, fica a fronteira do Jardim do Éden. É a porta do paraíso, apenas a dois passos. Voltamos de onde partimos no princípio de tudo. Mas, entretanto, o mundo se desvirtuou por completo. Talvez eles possam recomeçar do princípio e criar outro Deus.»

Sahag esquadrinhou a escuridão, onde os corpos do homem e da mulher cintilaram uma vez mais para, depois, se apagarem. E, de repente, uma brisa refrescante e sussurrante acariciou a testa do rapaz. Como se no caminho daqueles dois as areias se abrissem, deixando brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista. Dois braços de um rio muito maior uniam-se à sua frente: eram o Tigre e o Eufrates. E o homem, caminhando no jardim

regado por aquelas águas, deixou para trás o seu povo, a sua mãe e o seu pai, colou-se à mulher e se tornaram uma só carne.

Mas nesta terra, à medida que as caravanas com centenas de pessoas de cada vez eram levadas para os planaltos transformados em lugares de execução, para Suvar ou no caminho de Damasco, outras caravanas vinham do poente, descendo para o último círculo da morte. Naquele julho de 1916, multidões se afastavam, outras se juntavam e, apesar daquele vaivém, o campo de concentração de Deir Ezzor permanecia fiel a si próprio e imóvel. As terras das redondezas estavam infestadas de ossadas. A última fronteira tinha sido atravessada. Os vivos ofereciam-se aos mortos, fazendo do enterramento a sua única ocupação. Os mortos ofereciam-se aos vivos, aquecendo-os, quais vestes, nas noites gélidas, e servindo de comunhão a quem a fome enlouquecera.

Hermine observava, com olhar perdido, a filha. O calor tórrido, que sugava as gotinhas de suor que os saís do corpo ainda mantinham unidas, começou a matar as pessoas por desidratação. Os vivos e os mortos, que se assemelhavam pela quietude e pelos tremores que os sacudiam de vez em quando, estavam agora parecidos também pela cor escura, seca, dos rostos.

A julgar pelo ritmo em que as execuções vinham acontecendo, o campo de concentração já estaria desmantelado no outono daquele ano. Mesmo sem execuções, nas condições de detenção de Deir Ezzor, ninguém sobreviveria até o inverno. Naquele verão morreram principalmente crianças. Muitas ficavam por enterrar, entre as tendas, como carcaças ocas, agachadas e enegrecidas. Hermine aguardava, ansiosa, que fossem incluídos numa caravana, esperando, não sabia bem o quê, mas desejando do fundo do coração sair daquele lugar. Com os olhos abertos, sem pestanejar, a menina sussurrava de vez em quando: «Estou com fome!». Quando seu gemido se tornou contínuo, plangente quando expirava e sibilante quando puxava o ar no peito, Hermine foi recorrer às outras tendas. Voltou dali a uma hora de mãos vazias. «Não nos deram nada, não é?», perguntou com voz apagada a menina. Ela abanou a cabeça com o olhar vazio. «Pois também não lhes dê, mais tarde, de mim...», sorriu triste a menina. Hermine levou a mão à boca, tão perturbada que até se esqueceu de afastar o rapaz quando este se aproximou para acarinhá-la. Olhou-o de uma maneira completamente estranha, depois o

agarrou pelo pulso: «Vem!», disse-lhe, com uma nova voz. Puxou-o para fora da tenda, em direção à margem do rio, onde os árabes iam dar de beber aos animais. Permaneceu em pé, ao lado do filho, na margem do rio, rezando para que acontecesse o mais rápido possível.

O árabe que se aproximou olhou para eles sem ternura, mas com curiosidade, principalmente para o rapaz. Como Hermine e o rapaz falavam turco, poderiam entender-se naquelas palavras comuns que Maomé deixara ao propagar sua fé. Mas já não era preciso, porque sabiam muito bem do que se tratava. Esta cena tinha-se repetido milhares de vezes no caminho das caravanas ou à beira dos campos de concentração. E, para que tudo estivesse bem claro, Hermine largou a mão de Sahag e o empurrou um passo à frente, mantendo a palma da mão no ombro dele, não fosse o rapaz correr para trás. Apesar da magreza, Sahag não parecia atingido pela doença, e o árabe, em sinal de consentimento, puxou um saquinho de farinha e deu à mulher. Ela o apanhou com as duas mãos, e, então, sentindo-se livre do aperto, Sahag quis fugir. Mas o árabe agarrou o rapaz pela cintura e pelo pescoço e o atirou para cima do cavalo, como um fardo. Saltou atrás dele, soltando um grito, e afastou-se a galope. Hermine permaneceu um bom tempo pregada à terra. Meteu a mão no saco e tirou um punhado de farinha que enfiou na boca, abafando qualquer grito.

Durante um tempo, o rapaz prosternou noutro tipo de tenda, muito maior, decorada com tapetes e com inscrições ilegíveis nas paredes, onde moravam pessoas que falavam uma língua ríspida e ruidosa, que o olhavam com indiferença, mas que lhe traziam comida, limpavam-lhe o suor da testa e trocavam a roupa da cama. Quando se recuperou o suficiente para poder viajar, subiram-no num cavalo e desapareceram em direção às terras áridas, onde os únicos afazeres, quando não vigiavam as caravanas, eram, durante a noite, espreitar as fogueiras onde borbulhava a gordura de camelo, e, durante o dia, procurar água. Sahag recordava daqueles dias com precisão apenas as orações lamentosas dos homens e a veste branca que tinha recebido – veste que a dor acutilante do membro rasgado manchou de sangue –, sem compreender por que essa dor nova e masculina suscitava sorrisos e satisfação no rosto dos outros. Recebeu, junto com a veste branca e ensanguentada, um novo nome, Yusuf, sem que ninguém lhe perguntasse

sobre o seu antigo nome. Contudo, isso jogou a seu favor, porque, quando mais tarde vieram à sua procura, subindo até Urfa e Diarbekir, não o encontraram, não sabendo por quem haviam de perguntar.

Yusuf converteu-se num jovem capaz. Aprendeu a segurar os camelos pelo cabresto e a guardá-los nos bebedouros. Depreendeu a arte de montar a cavalo, habituou-se à comida seca e aprendeu o que é ser paciente frente à imensidão arenosa. Recebeu roupas de homem; tinha o seu próprio cavalo, a única criatura com quem ainda podia falar em arménio, e ajoelhava-se, junto com os outros, ao nascer e ao pôr do sol, ao meio-dia, balbuciando algo que soava a oração. Poderia ser perfeitamente um valente cavaleiro dos desertos, com seu corpo já calejado pelos círculos da morte, com as longas pestanas que protegiam os olhos da areia, com o rosto curtido, ideal para enfrentar o vento, e com o cabelo preto, encaracolado, um bom escudo contra o calor abrasador. O facto de não saber árabe foi uma vantagem. Ninguém o chateou com perguntas e não teve que contar nada sobre ele próprio. Não teve que rezar a um profeta que se apresentou perante ele ensanguentando-o, mantendo para si próprio o outro, que se lhe apresentou sangrando.

Poderia ter sido um bom cavaleiro daquelas terras e chegar, um belo dia, a líder da sua tribo. Durante o inverno, desceria às margens do Mar Vermelho, perto de Medina e, ao menos uma vez na vida, até Meca; depois, subiria, por Jerusalém e Damasco, até os lugares que tão bem conhecia, e até mais acima, para as montanhas, em Ras al-Ain e Mossul. Yusuf, porém, permaneceu um solitário, e os outros, satisfeitos com a sua esperteza, deixaram-no em paz e não perturbaram as conversas incompreensíveis que mantinha com seu cavalo.

Yusuf vivia confusamente aquela vida. Contudo, a revelação surgiu, tal como acontece quando as perguntas não são claras, de repente. Chegaram até Mossul. Havia sido um bom dia. Tinham vendido queijo de cabra e peles de camelo. A tenda estava quente e silenciosa, cheirava a churrasco, mas, antes de se sentarem nas almofadas ao redor da fogueira, contavam as moedas de ouro que levavam em bolsas atadas. Depois, as mulheres apreciaram os presentes – âmbar, tecidos e joias. A mais bonita das joias continuava, porém, na mão fechada do chefe da tenda; logo, ofereceu-a, abrindo os dedos como um mágico, à mais nova das suas mulheres. Ela pendurou a joia no pescoço e

virou-se feliz, dançando em volta do fogo, ao som agudo das *zurnalas* e ao ritmo dos pandeiros. O lume faiscava e crepitava com as gotas de gordura, os rostos brilhavam e alongavam-se ao mesmo tempo com as chamas, o ritmo dos pandeiros uniu-se ao bater das palmas, e a mulher girava, enlevada pela juventude e pela alegria da joia. O rapaz pôde vê-la, quando ela chegou, requebrando as cadeiras e sacudindo os peitos desde a raiz dos ombros, bem na sua frente. O rapaz recordou aquele talismã, preso à corrente de ouro e exibido com orgulho, acompanhado pelo gesto tímido da mãe ao escondê-lo debaixo da roupa. Ninguém reparou quando ele saiu da tenda. A única coisa que pôde fazer, com a mente transtornada, foi correr como um louco. Fugia, nem ele sabia bem de quem; correu até perder o fôlego e caiu de joelhos. E como sentia a necessidade de sair de seu corpo, de se arrancar dele mesmo, começou a gritar. Sentou-se na areia e, balançando-se, gritou com toda a força. Quando o grito se apagou, deixando no seu lugar o gemido de Deir Ezzor, o pranto enxuto, Yusuf tinha morrido. Tinha sido uma pessoa infeliz, estranha, taciturna, vagueando por lugares que não conhecia e por entre Deuses em que não acreditava. Nascido de um sangramento e morto por um grito. Não como acontece quando um corpo mata outro corpo, ou seja, transpassando-o de fora para dentro, Yusuf morreu transpassado de dentro para fora, precisamente pelo corpo ao que se tinha sobreposto, como uma túnica branca e ensanguentada.

Despido da nova vestimenta, com Yusuf caído a seus pés, como um ornamento inútil, Sahag regressou às tendas. Desta vez, como deixara de ser filho da tribo, veio furtivamente, escondendo-se na escuridão, evitando as fogueiras e as aberturas das tendas. Foi até o abrigo dos animais e tirou devagar o cavalo pelo cabresto. A marcha deles pela areia foi silenciosa; o cavalo seguiu-o sem sentir nenhuma alteração, obedecendo-o e farejando-o, porque, para ele, Yusuf nunca tinha existido. Depois, quando o galope se fez ouvir, cavalo e cavaleiro já estavam longe.

Tomou o caminho para o poente, no rumo inverso ao das caravanas, mas, lamentavelmente, o regresso aos círculos da morte, da Páscoa dos Mortos até a Páscoa da Ressurreição, não implicou também um regresso no tempo. Muito pelo contrário; subindo os degraus, um a um, das profundezas em que tinha caído como num poço, encontrou apenas os vestígios das

caravanas: sobreviventes que mendigavam à beira das estradas, nomes novos e assustadores dados aos precipícios onde apodreciam as ossadas, crianças de seu povo vestindo bombachas e, em cujo peito, como num ninho, cresciam pequenos Yusufes. Várias vezes teve vontade de voltar à tenda, matar aquele árabe, diante dos olhos do seus filhos e mulheres, e recuperar o talismã da mãe. Depois, pensou que o árabe não tinha culpa nenhuma; quem tinha arrancado o cordão do pescoço da sua mãe estava em outro lugar, e deveria travar uma guerra demasiado grande para encontrá-lo ou, então, matar todos da sua laia, para estar seguro de que o assassino da sua mãe tinha recebido o castigo merecido. Afinal de contas, o árabe tinha sido o seu benfeitor, e não era culpa dele que os tempos tivessem abaratado tanto a vida humana, a ponto de o beduíno ter avaliado a do rapaz em um saquinho de farinha.

Em Ras al-Ain, Sahag reencontrou a linha férrea que tinha abandonado, ao descer, com a cara inchada e vermelha devido à falta de ar e de água, dos vagões de gado, dois anos antes, em Mamura. Vendeu o seu cavalo e andou, durante todo o dia e toda a noite, agachado num canto do vagão, até Izmit. Ao chegar, não encontrou nenhum sinal que lhe indicasse o caminho. Por um tempo, o seu caminho foi o dos comboios e dos barcos que o levaram para o poente, até Bazargic e, a seguir, Silistra.

Enquanto fugia, as lembranças deixaram-no em paz. Quando, finalmente, assentou, em Silistra, trabalhou como aprendiz para um comerciante e, depois, abriu a sua própria loja. Mais tarde, decidiu procurar uma mulher para casar, mas, até encontrá-la, divertiu-se com as garotas que esperavam os marinheiros na beira do cais. Então, o véu beduíno, que tempos atrás jogara no chão, como uma echarpe, ganhou vida, sibilou como uma serpente e partiu em busca de Sahag. E assim, certa noite, à luz do candeeiro, encontrou-se com o rosto de Yusuf refletido na janela. Observava, horrorizado, como dançava, ao som de pandeiros e *zurnales*, como rasgava a veste branca, de homem do deserto, como agarrava o membro na mão e o esfregava, saltitando, com um brilho selvagem no olhar, como se aliviava, ofegante, fazendo jorrar entre os dedos não sêmen, mas sangue. Sahag não encontrou outro meio de afastar aquela visão, que o respingava com o seu sêmen repulsivo, senão pegando uma ferramenta e arrebatando a janela. Yusuf soltou uma gargalhada; o seu rosto partiu-se e multiplicou-se em outros mil rostos que se espalharam pelo quarto.

Quando caiu em si, observou-se assim como estava, com aquela expressão feroz, com as roupas desarrumadas, e com o membro ainda ereto e mutilado na mão. Percebeu que Yusuf se tinha apossado dele, e que não seria quebrando janelas ou cobrindo espelhos como poderia lutar contra aquele rosto diáfano.

Sahag e Yusuf odiavam-se, mas sabiam que estavam condenados a viver juntos. Yusuf sofreu dez vezes mais as torturas a que Sahag tinha sido submetido, sendo obrigado a suportar as preces a outro salvador e os rituais próprios dessa fé. Mas vingou-se daquele povo estranho para ele da única maneira que tinha à mão, ou seja, através do membro que levava o sinal do seu nascimento, envenenando-lhe a semente. Estando ligado àquela semente, que permaneceu para sempre estéril, que escasseava e diminuía com o passar dos anos, Yusuf mirrava também. Na minha infância, Sahag Sheitanian era um homem velho. Por isso eu não cheguei a conhecer Yusuf.

Partido ao meio, habituado a que cada metade dele vigiasse e odiasse a outra, sempre à espera que um adormecesse para poder atacá-lo, mas, fatalmente, tendo que dormir juntos, só se separando, realmente, nos sonhos, porque as duas metades não podiam sonhar ao mesmo tempo, Sahag, à medida que a outra metade mirrava junto com a sua resignação e a da sua mulher, Armenuhi, por não poderem ter filhos, estando habituado a odiar e não aguentando mais abrigar todo este ódio na sua alma dividida, começou a odiar os outros. Primeiro, os que se assemelhavam a Yusuf. Mas, como destes havia poucos à sua volta, e o seu ódio não consumado rangia como os dentes das feras que precisam estripar, para não crescerem a ponto de lhes perfurar a própria cabeça, Sahag verteu o ódio sobre os bolcheviques. A ocasião inesperada surgiu depois da guerra, quando, ao contrário do período em que o único comunista de Focsani era um verdureiro alcoólico, cuja única atividade política consistia em insultar em voz alta, com a língua enrolada, no dia 10 de maio, a dinastia e o rei, até que as autoridades apreenderam a lição e passaram a prendê-lo de manhã cedo, ainda não recuperado da bebedeira da noite anterior, ou seja, taciturno, depois da guerra portanto, a cidade encheu-se de comunistas. Sahag costumava chamá-los de atacadistas e burlões. Os comunistas retribuía o afeto que lhes brindava com a habitual generosidade deles, ou seja, saqueavam-lhe a loja e, quando nada mais restou para

roubarem, confiscaram-na de vez. Sahag divertia-se sempre. «Levem!», gritava, agitando os braços e pulando num pé só, «Roubem à vontade!», atirando com as latas de cacau Van Houten, «Não se esquecem de levar esta também!», ou os sacos de café em grão que se espalhavam pela calçada, como as baratas.

Ele teve a ideia de instalar o rádio *Telefunken* no jazigo de Seferian e, de noite, ia sozinho ouvir no cemitério a Rádio Europa Livre. No verão de 1958, seguiu com um olhar ávido os batalhões do Exército Vermelho que se perdiam de vista na estrada de Tecuci. Depois, passou horas a fio sentado, sem se mexer, assistindo, no televisor do tamanho de um prato da dona Maria, vizinha da frente, à transmissão em direto do funeral de Gheorghe Gheorghiu-Dej, sem perder um detalhe sequer, comendo sementes de girassol, bebendo cerveja, como um mirão num jogo de futebol. «Foi submetido a radiações pelos russos», dizia ele, sem que desta vez se notasse qualquer conotação de censura. «Provocaram-lhe icterícia!»

E foi também Sahag Sheitanian o primeiro a ficar fascinado pelos mapas. Desarraigados dos seus lugares de infância, os velhos arménios fugiram, emigraram, atravessaram desertos, continentes, mares e oceanos, mas não viajaram de verdade. Caminhar pelo mundo foi parte das tristezas, não das curiosidades ou das suas alegrias. Eles foram, por isso, viajantes dos mapas em papel, como os escorpiões-do-livro.

As páginas cartografadas eram como um corte no mundo real: abriam uma nova dimensão. Nestes mapas, as guerras acabavam sempre de forma diferente que na realidade. Os guerreiros das montanhas liquidavam os exércitos, os prisioneiros conseguiam escapar dos campos de concentração, e os combatentes rompiam os cercos. Os americanos desembarcavam nos Balcãs, os paraquedistas ingleses cobriam o céu, os russos retiravam-se nas profundezas da Sibéria. E, evidentemente, a Arménia estendia-se desde Cáucaso até Tiro e Sídon, da Anatólia até o lago Úrmia, como nos tempos de Tigranes, o Grande, no último século antes de Cristo. O mundo era uma sobreposição de mapas, cheios de setas que significavam desembarcos, libertações, derrotas, devoluções, entusiasmo e triunfo. De todos os mapas, o menos importante e, por isso mesmo, o que menos era levado em

consideração, era o de mais abaixo, estendido diretamente na relva, ou seja, a própria realidade.

Nos mapas deles, precisamente por essa razão, funcionavam outros tratados, e as guerras tinham acabado de um modo diferente. O Tratado de Sèvres estava em vigor. A Conferência de Ialta ainda não tinha tido lugar, e o lápis, propositadamente mal afiado, de Estaline não tinha dividido a Europa. Sahag Sheitanian e os outros armênios da minha infância eram, antes, homens de mapas do que da terra. Às vezes, estavam tão distraídos, com os olhares perdidos tão longe, que parecia que se enrolavam, ao mesmo tempo que os mapas, e desapareciam deste mundo.

No *Livro dos Sussurros*, cada aroma, cada cor, cada fulgor de loucura tem o seu mago. O guia dos vários territórios, o mago dos mapas, foi Micael Noradunghian. Os outros ficavam à sua volta, observando, com os olhos vidrados, como os continentes se alisavam sob suas mãos. O meu avô sentava-se, sábio e silencioso; nada melhor que os mapas para demonstrar que, apesar do caos dos tempos, existe um certo sentido. Anton Merzian esquecia-se de fazer perguntas e, perante os mapas, onde havia lugar para todos, deixava de implicar com Krikor Minasian. Stefanuca Ibraileanu, Magardici Ceslov, Agop Aslanian, Vrej Papazian, Ovanez Krikorian, e todos os outros aproximavam-se com timidez, deixando-se guiar para este novo Belém, onde a redenção manifestava-se em forma de mapa. Sahag Sheitanian olhava, extasiado ante aquela maravilha. Eram os únicos momentos em que, com as entranhas entorpecidas, fazia as pazes com Yusuf.